

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

MATHEUS JOSÉ SANTOS

**OS POSSESSIVOS DE 2ª PESSOA DO SINGULAR NO PORTUGUÊS BRASILEIRO:  
UM ESTUDO HISTÓRICO-EXPERIMENTAL SOBRE *SEU* VERSUS *DE VOCÊ***

RIO DE JANEIRO  
2023

MATHEUS JOSÉ SANTOS

**OS POSSESSIVOS DE 2ª PESSOA DO SINGULAR NO PORTUGUÊS BRASILEIRO:  
UM ESTUDO HISTÓRICO-EXPERIMENTAL SOBRE *SEU* VERSUS *DE VOCÊ***

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras com habilitação em Português / Literaturas.

Orientadora: Professora Doutora Célia Regina dos Santos Lopes

Rio de Janeiro  
2023

## CIP - Catalogação na Publicação

S237p Santos, Matheus José  
Os possessivos de 2ª pessoa do singular no português brasileiro: um estudo histórico experimental sobre seu versus de você / Matheus José Santos. -- Rio de Janeiro, 2023.  
58 f.

Orientadora: Célia Regina dos Santos Lopes.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Licenciado em Letras: Português - Literaturas, 2023.

1. Segunda pessoa. 2. Posse. 3. Abordagem experimental. I. Lopes, Célia Regina dos Santos, orient. II. Título.

MATHEUS JOSÉ SANTOS

**OS POSSESSIVOS DE 2ª PESSOA DO SINGULAR NO PORTUGUÊS BRASILEIRO:  
UM ESTUDO HISTÓRICO-EXPERIMENTAL SOBRE *SEU* VERSUS *DE VOCÊ***

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras com habilitação em Português / Literaturas.

Data da aprovação: 29 de janeiro de 2024.

Banca Examinadora:

---

Profª. Drª. Célia Regina dos Santos Lopes – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)  
Presidente da Banca Examinadora / Orientadora

---

Prof. Dr. Thiago Laurentino de Oliveira – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)  
Avaliador

Rio de Janeiro  
2023

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha sincera gratidão a todos que contribuíram para a realização desta Monografia. Este projeto não teria sido possível sem o apoio e a colaboração de diversas pessoas, as quais gostaria de mencionar e agradecer.

Agradeço, primeiramente, à minha mãe, minha heroína, minha referência. Palavras não são suficientes para simbolizar a honra que eu tenho por ser seu filho. Todos os risos, os choros, as brigas, as discussões, os esporros, os aplausos, todas as palavras de incentivo, as palavras de conforto, os momentos mais felizes e difíceis, todas as presenças, tudo isso me ajudou a construir o ser humano que sou hoje. Agradeço por tudo e saiba que você é a maior e melhor referência que eu poderia ter. Amo você.

Agradeço à minha família, principalmente à minha avó e minha tia que sempre me apoiaram e encorajaram. Seu amor e suporte foram a força motriz que me impulsionou durante os desafios desta jornada acadêmica.

Agradeço à minha namorada, minha parceira para todas as horas, meu porto-seguro. Não há palavras suficientes para expressar minha gratidão por ter você ao meu lado. Em cada etapa, sua presença foi uma fonte de conforto e motivação, fazendo com que meu percurso acadêmico se tornasse mais significativo. Agradeço por estar sempre ao meu lado, compartilhando alegrias e desafios, e por ser uma parte fundamental do meu sucesso. Obrigado por acreditar em mim, por me incentivar quando a jornada parecia árdua e por celebrar cada pequena vitória como se fosse sua. Saiba que eu sou muito sortudo por você fazer parte da minha vida. Te amo!

Agradeço à professora Célia Lopes, minha orientadora, por seu empenho e dedicação durante o desenvolvimento da monografia. Seus conhecimentos, paciência e sugestões foram fundamentais e contribuíram significativamente para a melhoria do trabalho. Agradeço por seu comprometimento constante em me orientar da melhor forma possível, por me inspirar e me incentivar e pelo direcionamento que me ajudou a superar desafios e alcançar um resultado que me enche de orgulho. Este trabalho não seria o mesmo sem sua participação. Sou imensamente grato por ter uma orientadora tão dedicada e competente. Muito obrigado de coração!

Agradeço também ao professor Thiago Laurentino por dedicar seu tempo na avaliação e contribuição para a melhoria deste estudo. Seu apoio na fase de estruturação do processo experimental com a formulação de enunciados, criação dos gráficos e outros direcionamentos foi fundamental para o nascimento desta monografia. Agradeço igualmente pela orientação com

a monitoria da disciplina História da Língua. Essa é uma experiência que vou levar para o resto de minha vida.

Quero expressar minha sincera gratidão à professora Dailane Guedes, peça fundamental para este estudo. Suas orientações e leituras dos textos teóricos comigo, mesmo quando o trabalho ainda estava em fase embrionária de desenvolvimento, me ajudaram a não só entender os detalhes do objeto de estudo com mais clareza, mas também me incentivaram e me mostraram que, por mais complexo que o assunto seja, eu sou capaz de entendê-lo. Muito obrigado!

Não podia deixar de agradecer às minhas amigas (quase irmãs) que a Faetec me deu, Lisa e Lorrany. O apoio e a amizade que compartilhamos ao longo destes anos foram fundamentais na minha jornada acadêmica. Cada risada, cada desafio superado e cada conselho compartilhado moldaram não só os anos de colégio, mas também toda minha vida. Obrigado por estarem sempre presentes e por fazerem parte das memórias que levo para toda a vida. Saibam que vocês estão guardadas em um potinho dentro do meu coração. Obrigado por tudo!

Agradeço aos amigos da sala F-316 que me acolheram e fizeram com que os longos e incansáveis dias da graduação fossem mais leves e mais divertidos. Agradeço, em especial, a Mariana, João, Janine, e Cristian, companheiros de pesquisa, estudos e altas conversas e fofocas. Cada palavra de incentivo, cada momento de apoio e todas as risadas compartilhadas foram peças fundamentais para que eu alcançasse este marco, transformando os desafios em oportunidades de crescimento.

Meu muito obrigado aos amigos e colegas de curso por compartilharem suas experiências e por serem fonte de inspiração e estímulo. Gostaria de expressar minha profunda gratidão, em especial, à Vivian Cruz por ter sido uma peça fundamental no meu percurso acadêmico. Sua amizade tornou cada etapa dessa jornada mais rica e divertida. Obrigado por fazer com que esta conquista fosse ainda mais especial.

Estendo meus agradecimentos, também, a todos os participantes da pesquisa e pessoas que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho. Vocês foram peças-chave no meu percurso acadêmico e profissional.

Por fim, agradeço a você que está lendo. Você que, de alguma maneira, se interessou pelo assunto aqui trabalhado. Saiba que horas de dedicação foram necessárias para que esta monografia tomasse corpo. Espero que goste e que te ajude a entender um pouco mais sobre o mundo dos possessivos no português.

*Muito obrigado a todos! Vamos à monografia!*

*“Sou um homem de letras, nada mais. Não estou certo de ter pensado nada de original em minha vida. Sou um fazedor de sonhos.”*

*Jorge Luis Borges*

## RESUMO

SANTOS, Matheus José. **Os possessivos de 2ª pessoa do singular no português brasileiro: um estudo histórico-experimental sobre *seu* versus *de você***. Monografia (Licenciatura em Letras: Português / Literaturas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

Os trabalhos de Lopes et al (2018) têm demonstrado que a inserção de formas do paradigma de *você* (< *Vossa Mercê*) no paradigma de segunda pessoa (2P) causou rearranjos no quadro de pronomes do português brasileiro. No que se refere, em particular, às formas possessivas houve algumas modificações. A extensão do possessivo *seu/sua(s)* para o paradigma de 2P, ao lado de *teu/tua(s)*, levou à emergência da forma “de-possessiva” *dele* para a 3P. Outro “de-possessivo”, o *de você(s)*, apresenta um comportamento bastante inusitado. No plural, *de vocês* opera como uma variante possessiva de *seu/\*vosso* — “Vocês pegaram o carro *de vocês* ~ o *seu/ vosso(?)* carro”. No singular, entretanto, *de você* é raro e/ou não apresenta interpretação necessariamente possessiva: Você pegou o *seu/teu* carro ~ o carro *\*de você*, como apontam as conclusões de Marcotulio et al (2015). A proposta do trabalho é analisar os contextos de uso de *de-você(s)* a partir de *corpora* do português, observando se a estrutura tem realmente valor possessivo ou assume uma noção de posse mais abstrata (Heine, 1997). A partir disso, formulou-se um experimento para analisar o comportamento de falantes do Rio de Janeiro diante dessas estruturas variantes (*seu/de você/do senhor*), verificando se os itens experimentais presentes nas frases em teste soam como naturais ou não à percepção dos participantes. Em termos teóricos, a investigação segue uma perspectiva funcional-cognitiva (Heine, 1997), adotando as diretrizes gerais dos modelos experimentais para a formulação do teste de julgamento de percepção com escala (cf. Derwing, De Almeida, 2005; Schütze, Sprouse, 2013; Kenedy, 2015). No estudo, analisam-se os diferentes tipos de posse [+ ou – prototípica], discutidos por Guedes (2021) — *propriedade, partes do corpo e parentesco* — com as variantes *seu/de você/do senhor*. A hipótese é a de que o tipo de posse mais prototípico [ $X_{\text{(HUMANO)}}$  possui  $Y_{\text{(OBJETO = PROPRIEDADE)}}$ ] teria uma aceitação maior com *de você*. Os outros tipos de posse (*parentesco e parte do corpo*) seriam mais bem aceitos com *seu* e com *do senhor*. Procura-se com a pesquisa revisitar duas questões levantadas por Perini (1985) sobre as formas possessivas de 2P: i) “Por que *seu* foi mantido em um de seus sentidos (isto é, por que não foi substituído por *\*de você?*)”? (1985, p. 7); e ii) “Por que *seu* foi mantido com sentido de 2SG (*seu* caderno) antes do que com o de 3SG (caderno *dele*), 2PL (caderno *de vocês*) e 3PL (caderno *deles*)?”



(1985, p. 7). Os resultados obtidos a partir do experimento, embora muito polarizados, apontam na direção das hipóteses formuladas, nas quais *de você*, considerada uma estrutura estranha, foi mais bem aceita nos contextos de posse de *propriedade* [+ prototípico], enquanto *seu* e *do senhor*, classificadas como mais comuns, funcionam melhor nos contextos de posse de *parentesco* e *parte do corpo* [– prototípico].

Palavras-chave: segunda pessoa; posse; abordagem experimental.

## ABSTRACT

SANTOS, Matheus José. **Os possessivos de 2ª pessoa do singular no português brasileiro: um estudo histórico-experimental sobre *seu* versus *de você***. Monografia (Licenciatura em Letras: Português / Literaturas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

The works of Lopes et al (2018) have demonstrated that the insertion of forms from the paradigm of "você" (< Vossa Mercê) into the second-person paradigm (2P) has caused rearrangements in the pronoun framework of Brazilian Portuguese. Regarding possessive forms, there have been some modifications. The extension of the possessive *seu/sua(s)* to the 2P paradigm, alongside *teu/tua(s)*, led to the emergence of the "de-possessive" form *dele* for the 3P. Another *de-possessive*, *de você(s)*, exhibits a rather unusual behavior. In the plural, *de vocês* operates as a possessive variant of *seu/\*vosso* — "Vocês pegaram o carro *de vocês* ~ o *seu/vosso(?)* carro. However, in the singular, *de você* is rare and/or does not necessarily have a possessive interpretation: "Você pegou o *seu/teu* carro ~ o carro *\*de você*," as pointed out by the conclusions of Marcotulio et al (2015). The aim of the study is to analyze the contexts of use of *de-você(s)* based on Portuguese *corpora*, observing whether the structure indeed has possessive value or assumes a more abstract notion of possession (Heine, 1997). From this, an experiment was formulated to analyze the behavior of speakers from Rio de Janeiro facing these variant structures (*seu/de você/do senhor*), checking whether the experimental items in the test sentences sound natural or not to the participants' perception. In theoretical terms, the investigation follows a functional-cognitive perspective (Heine, 1997), adopting the general guidelines of experimental models for the formulation of the perception judgment test with a scale (cf. Derwing, De Almeida, 2005; Schütze, Sprouse, 2013; Kenedy, 2015). The study analyzes different types of possession [+ or – prototypical], as discussed by Guedes (2021) — *property*, *body parts*, and *kinship* — with the variants *seu/de você/do senhor*. The hypothesis is that the most prototypical type of possession [ $X_{(\text{HUMAN})}$  possesses  $Y_{(\text{OBJECT} = \text{PROPERTY})}$ ] would have a greater acceptance with *de você*. Other types of possession (*kinship* and *body parts*) would be better accepted with *seu* and *do senhor*. The research seeks to revisit two questions raised by Perini (1985) about 2P possessive forms: i) "Por que *seu* foi mantido em um de seus sentidos (isto é, por que não foi substituído por *\*de você?*)?" (1985, p. 7) e ii) "Por que *seu* foi mantido com sentido de 2SG (*seu* caderno) antes do que com o de 3SG (caderno *dele*), 2PL

(caderno *de vocês*) e 3PL (caderno *deles*)?” (1985, p. 7). The results obtained from the experiment, although highly polarized, point in the direction of the formulated hypotheses, in which *de você*, considered an unusual structure, was more accepted in *property* possession contexts [+ prototypical], while *seu* and *do senhor*, classified as more common, work better in *kinship* and *body parts* possession contexts [– prototypical].

Keywords: second person; possession; experimental approach.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 — Reprodução da apresentação do formulário experimental.....	45
Figura 2 — Reprodução do comando dado ao participante pelo formulário experimental ....	46
Figura 3 — Reprodução de um trecho do formulário experimental.....	46

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 — Possessivos simples de 2ª e 3ª pessoa no português padrão a partir da emergência de <i>você</i> .....	17
Quadro 2 — Possessivos simples de 2ª e 3ª pessoa no português coloquial a partir da emergência de <i>você</i> .....	18
Quadro 3 — Distribuição dos critérios de avaliação de prototipicidade das noções possessivas de Heine (1997) .	30
Quadro 4 — Construções experimentais com cada forma possessiva em relação ao tipo de posse .....	43

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 — Distribuição das notas atribuídas por tipo de construção.....	48
Gráfico 2 — Distribuição das notas atribuídas ao tipo de posse em relação à forma "de você" .....	49
Gráfico 3 — Distribuição das notas atribuídas ao tipo de posse em relação à forma "seu"....	50
Gráfico 4 — Distribuição das notas atribuídas ao tipo de posse em relação à forma "do senhor" .....	52

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>2 AS CONSIDERAÇÕES DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS SOBRE O TEMA.....</b>	<b>16</b>
2.1 A VISÃO DE PERINI (1985) .....	16
2.2 A ANÁLISE DE MAROCTULIO <i>ET AL</i> (2015) .....	21
<b>3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....</b>	<b>25</b>
<b>4 FASE 1 — A DESCRIÇÃO DE USO .....</b>	<b>33</b>
4.1 METODOLOGIA DA DESCRIÇÃO DE USO .....	33
4.2 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA FASE 1.....	34
<b>4.2.1 Dados de posse plena .....</b>	<b>34</b>
<b>4.2.2 Dados de posse de ambiguidade.....</b>	<b>36</b>
<b>4.2.3 Dados de posse ilegítima.....</b>	<b>37</b>
<b>4.2.4 Dados de posse duvidosa: expressões idiomáticas, estruturas parte-</b>	
<b>todo, outros casos .....</b>	<b>38</b>
<b>4.2.4.1 Expressões idiomáticas .....</b>	<b>38</b>
<b>4.2.4.2 Estruturas de parte-todo.....</b>	<b>39</b>
<b>4.2.4.3 Outros casos.....</b>	<b>39</b>
4.3 HIPÓTESES E CONCLUSÕES DA FASE 1 .....	40
<b>5 FASE 2 — O EXPERIMENTO.....</b>	<b>42</b>
5.1 METODOLOGIA DO EXPERIMENTO .....	42
5.2 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA FASE 2.....	47
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>54</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>56</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A configuração do sistema pronominal do português é um dos temas que apresenta divergências relevantes, em vários níveis, nas variedades brasileira e portuguesa da língua. As principais diferenças estão relacionadas, entre outros aspectos, à inserção e difusão de formas gramaticalizadas na posição de sujeito, como *você* e *a gente*, na segunda pessoa do singular (doravante 2SG) e na primeira do plural (doravante 1PL), respectivamente, como apontam Lopes *et al* (2018).

As consequências para a segunda pessoa são muitas. Além de *você* (advindo de *Vossa Mercê*) e *tu* coexistirem no singular e *vocês* ser praticamente categórico no plural como sujeito, as formas de complemento associadas historicamente à *Vossa Mercê* > *você* (ou seja, os clíticos *o/a/os/as*) não se fixaram no quadro de pronomes, pois “em seu lugar, se empregam com maior frequência *te* variando com *você* e *lhe*” (2018, p. 26). A extensão do possessivo *seu* (e variantes) para o paradigma de segunda pessoa (doravante 2P), a partir, também, da inserção de *você* no sistema de pronomes pessoais, levou à emergência da forma perifrástica *dele* como possessivo de terceira (doravante 3P) para evitar a ambiguidade de *seu* que ainda continuou atendendo às duas pessoas (2P e 3P). Quanto ao possessivo *vosso*<sup>1</sup>, não se tem no português brasileiro (PB) forte produtividade, uma vez que esse possessivo perdeu lugar para o de-possessivo *de vocês*. No singular, a situação é bastante complexa, pois ainda há *teu/tua* variando com *seu/sua* na segunda pessoa, ao lado do raro uso de *de você* nesse contexto (cf. Lopes *et al*, 2018; Marcotulio *et al*, 2015).

A partir dessas mudanças nas diversas subcategorias pronominais, notamos que o sistema de possessivos acabou se constituindo por três formas para referenciar a segunda pessoa gramatical (2P): *teu, seu*<sup>2</sup> e (?) *de você* e suas respectivas flexões de gênero e número (*teus / tua / tuas, seus / sua / suas, de vocês*). Algumas pesquisas já avançaram na descrição da variação das formas possessivas simples *teu* e *seu*, como é o caso de Arduin (2005); Lucena (2016); Tosi (2021); entre outras. Outros trabalhos, como o de Perini (1985) e Marcotulio *et al* (2015), se debruçam, em particular, sobre a emergência de estruturas perifrásticas formadas pela preposição *de* (*dele, de você, de vocês, da gente*), ao lado de estruturas simples *seu, teu, vosso, nosso*.

<sup>1</sup> Por apresentarem uma baixíssima produtividade no geral (cf. Lopes *et al*, 2018), os pronomes referentes ao paradigma de *vós* foram desconsiderados para efeitos de pesquisa, testagem e análise neste trabalho.

<sup>2</sup> Ao longo de toda esta monografia, referir-nos-emos a *seu* como estrutura que representa o pronome possessivo simples de 2P (cf. Perini, 1985). Portanto, também estamos trabalhando, implicitamente, com suas respectivas flexões de gênero (*sua*) e número (*seus / suas*).

Essa complexidade na reestruturação e/ou aceitabilidade dos possessivos de segunda pessoa do singular (*teu/seu/(?)de você*) (doravante 2SG) em contraponto ao plural (*\*vosso/de vocês*) (doravante 2PL) é o que inspirou, inicialmente, este trabalho monográfico.

A questão norteadora, portanto, tem a ver com o *de-possessivo* de 2P “*de você(s)*”, no singular *teu ~ seu ~ de você* e no plural *seu ~ de vocês*, apresentar um comportamento bastante diferenciado e, até mesmo, inusitado. No plural, a estrutura *de vocês* opera como uma variante possessiva que disputa com *seu* (*Vocês podem pegar o caderno de vocês ~ o seu caderno*), enquanto *de você*, no singular, não apresenta interpretação necessariamente possessiva: *Você pode pegar o seu caderno ~ caderno (?)de você*. Nesse último caso, parece que *de você* é bloqueado pelo possessivo simples *seu* na maioria das vezes.

Tendo esse ponto em mente, pretendemos, nesta monografia, explicar por que a estrutura preposicional (*de + você*) é bem aceita no plural e não no singular. Para isso, partimos de dois questionamentos fundamentais levantados por Perini (1985) que embasam a pesquisa: i) “Por que *seu* foi mantido em um de seus sentidos (isto é, por que não foi substituído por *\*de você?*)?” (1985, p. 7); e ii) “Por que *seu* foi mantido com sentido de 2SG (*seu caderno*) antes do que com o de 3SG (*caderno dele*), 2PL (*caderno de vocês*) e 3PL (*caderno deles*)?” (1985, p. 7).

Como arcabouço teórico, baseamo-nos na perspectiva funcional-cognitiva (Heine, 1997) e na proposta de Guedes (2021) que postulam a ideia de posse atrelada a um gradiente, ou seja, há um protótipo que representa a posse em sua noção mais concreta e, à medida que expandimos a interpretação e a aplicação da estrutura possessiva, afasta-se cada vez mais desse protótipo estabelecido. Dessa forma, podemos criar uma hierarquia entre o que é mais prototípico — ou seja, uma propriedade em sua essência —, e o menos prototípico — o objeto da posse não é necessariamente concreto, tampouco uma propriedade em si.

Fundamentado nisso, analisamos os contextos de uso de *de-você(s)*, a partir de *corpora* digitais do português, observando se a estrutura tem realmente valor possessivo ou assume uma noção de posse mais abstrata (Heine, 1997). Postulamos, então, a hipótese de que as construções inovadoras se inserem no sistema pelos contextos *mais prototípicos*, enquanto as formas anteriores permanecem nos *menos prototípicos* (cf. Guedes, 2021). No nosso caso, tentaremos verificar, nos limites deste trabalho, se a estratégia perifrástica *de você* se inseriu mais rapidamente no contexto de posses alienáveis prototípicas (*propriedade*), ao passo que *seu* (mais antiga do que a anterior) teria ainda se mantido nos contextos inalienáveis, mais amplos e menos prototípicos como *parentesco* e *partes do corpo*, por exemplo. Além disso, também

esperamos que o de-possessivo *de você*, nos termos de Perini (1985), seja menos aceito como possessivo de 2SG do que o pronome simples *seu* e a estrutura de controle *do senhor*.

Assim, formulamos um experimento para investigar se e como falantes que residem na cidade do Rio de Janeiro percebem e interpretam as formas *seu* ~ *de você* ~ *do senhor*. Para tanto, apoiamos-nos novamente em Guedes (2021) aliado à metodologia da psicolinguística experimental para a elaboração de um teste de julgamento de aceitabilidade por escala (cf. Derwing, De Almeida, 2005; Schütze, Sprouse, 2013; Kenedy, 2015), já que essa estratégia de testagem é capaz de medir a percepção dos falantes em relação às estruturas possessivas estudadas e aplicadas em um contexto comunicacional corriqueiro.

Esta monografia está dividida em seis capítulos. Além desta introdução, apresentamos, no capítulo 2, um breve panorama de pesquisas realizadas sobre os possessivos, em particular, aquelas que discutem a questão do *de+você*. O capítulo 3 destina-se aos pressupostos teóricos que norteiam a nossa análise, abordando não só a definição complexa do que é posse, mas também a conceituação do protótipo padrão que representa a noção possessiva de *propriedade* (Guedes, 2021) e que é o ponto de partida para o gradiente proposto por Heine (1997). Detalhamos, no capítulo 4, os estudos de Fase 1 relativos ao levantamento de dados em um *corpus* digital para verificar as possíveis ocorrências da estrutura perifrástica em textos anteriores. Reservamos a discussão sobre a estruturação do experimento para o capítulo 5, no qual constam, minuciosamente descritas, a metodologia utilizada (cf. Derwing, De Almeida, 2005; Schütze, Sprouse, 2013; Kenedy, 2015), bem como uma breve análise dos resultados obtidos a partir da percepção dos participantes sobre as construções experimentais. O capítulo 6 fecha as considerações sobre esta pesquisa, apontando as conclusões gerais alcançadas após a aplicação e discussão dos resultados da Fase 2. Retomamos os questionamentos de Perini para tentar respondê-los e fazemos algumas reflexões sobre o processo de experimentação, além de encaminharmos possíveis rumos para os quais esta pesquisa poderá ser conduzida. Por fim, a última seção aponta as referências bibliográficas que ofereceram o embasamento necessário para a monografia aqui traçada.



## 2 AS CONSIDERAÇÕES DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS SOBRE O TEMA

Neste capítulo, apresentaremos algumas reflexões sobre o tema dos possessivos, mais especificamente as formas de segunda pessoa: simples (*teu/seu*) e as chamadas de-possessivas *de você(s)*. Um questionamento muito pertinente que essas reflexões levantam tem a ver com o fato de a forma simples *seu* ainda poder referenciar tanto à segunda quanto à terceira pessoa do discurso (2P e 3P). Além disso, também trataremos da diferenciação entre os de-possessivos de 2P em relação à sua flexão de número. Isto é, no plural, encontramos a forma *de vocês* funcionando perfeitamente como uma estrutura indicativa de posse, mas, no singular, a forma de-possessiva *de você* parece não ativar plenamente uma interpretação possessiva, causando, a princípio, um certo estranhamento quando aplicada em um contexto de possessividade.

### 2.1 A VISÃO DE PERINI (1985)

Ao se debruçar sobre a estudo do quadro pronominal do PB, Perini (1985) tenta explicar a organização das frases possessivas, salientando que ela se dá pelas necessidades de comunicação. O autor propõe tecer considerações gerais e intuitivas sobre o português brasileiro, separando o que ele chama de dialetos *padrão* (variedade formal e escrita que se unifica no país) e *coloquial* (variedade falada em maior parte do país com exceção da região Sul e algumas áreas do Norte que apresentam diferenças de uso quanto ao tema). Na perspectiva teórica adotada pelo autor, Perini (1985) remete a dois aspectos que explicariam a mudança histórica da linguagem. O primeiro seria a tendência de a mudança se processar na direção a uma “estrutura linguística mais simples” (cf. Halle, 1962; Kiparsky, 1968 *apud* Perini, 1985, p. 03). O segundo, que foi adotada pelo autor na sua argumentação sobre as mudanças no sistema de possessivos, seria a tendência da mudança se processar em direção a uma “estrutura linguística mais fácil de usar” (1985, p. 03).

Com o quase desaparecimento dos pronomes de segunda pessoa “originais” (*tu* e *vós*), dando espaço para *você(s)* — como também mostram os estudos de Lopes *et al*, 2018 —, o autor defende basicamente que o pronome *seu* (antes associado à terceira pessoa) perdeu a sua ambiguidade (referência à segunda e terceira pessoas no singular e plural). O fato de *você* — oriundo do sintagma nominal possessivo *Vossa Mercê* — ter passado a integrar o sistema pronominal trouxe para o quadro de segunda pessoa o possessivo *seu* como nova forma do paradigma de *você*.

No português *padrão*, como se vê no quadro adaptado de Perini (1985) a seguir, a forma possessiva simples *seu*, a partir da emergência de  *você*  para a 2P, é ambígua se referindo a quatro pessoas gramaticais diferentes (2SG, 2PL, 3SG, 3PL), o que não parece ser uma construção de fácil uso:

Quadro 1 — Possessivos simples de 2ª e 3ª pessoa no português *padrão* a partir da emergência de  *você*

	SEGUNDA PESSOA		TERCEIRA PESSOA	
	SUJEITO	POSSESSIVO	SUJEITO	POSSESSIVO
SINGULAR	<i> você </i>	<b>seu</b>	<i> ele(a) </i>	<b>seu</b>
PLURAL	<i> vocês </i>	<b>seu</b>	<i> ele(a)s </i>	<b>seu</b>

Fonte: Adaptado de Perini, 1985, p. 4.

Além da emergência de  *você* , foram inseridas, no sistema, outras formas constituídas por  *de + N* , chamadas, neste trabalho, de  *de-possessivas*  (cf. Castro, 2006). Estariam, nesse rol, as estruturas associadas à 2P, mais presentes no plural ( *de vocês*  no lugar de  *vosso* ) do que no singular ( *de você*  em variação com  *teu/seu* ), além dos outros  *de-possessivos*  de 3P ( *dele/a-s* ).

Essas estruturas  *de-possessivas*  ( *dele(s)* ,  *de vocês* ) usadas em variação, ou não, com formas simples ( *seu, seu ~ vosso* ) apresentam, entretanto, um comportamento morfossintático distinto entre si. Quanto a esse ponto, Perini (1985) destaca, por exemplo, as concordâncias de gênero nos dois casos que operam diferentemente em termos morfossintáticos e em termos posicionais quanto ao elemento possuído e possuidor. Enquanto as estruturas sintéticas (simples) possuem flexões para o masculino e para o feminino, concordando com o gênero do núcleo do SN ao qual fazem referência, ou seja, o elemento possuído ( *seu celular, sua roupa, nosso celular, nossa roupa, vosso caso, vossa casa* ), as analíticas ( *de-possessivas* ) concordam com o possuidor da construção na terceira pessoa ( *celular dele, roupa dele, celular dela, roupa dela* ). Cabe salientar que essa flexão de gênero não se verifica com as formas pronominais que não variam em termos do gênero formal, como  *você(s)* ,  *a gente* :  *celular de você(s) / celular da gente, roupa de você(s) / roupa da gente* .

Assim, no português *coloquial*, essas estratégias de desambiguação constituídas por construções analíticas ( *de + N* ) de segunda ( *de você-s* ) e terceira pessoa ( *dele-a-s* ) se mostram extremamente efetivas. Elas, na verdade, conseguem não só deixar mais claro a qual pessoa do discurso estão fazendo referência, mas também evitam um esforço extra de construir um

contexto linguístico para anular a ambiguidade estrutural causada pelo emprego do possessivo *seu* do português *padrão*.

Quadro 2 — Possessivos simples de 2ª e 3ª pessoa no português coloquial a partir da emergência de *você*

	SEGUNDA PESSOA		TERCEIRA PESSOA	
	SUJEITO	POSSESSIVO	SUJEITO	POSSESSIVO
SINGULAR	você	<b>seu</b>	ele(a)	<b>dele</b>
PLURAL	vocês	<b>de vocês</b>	ele(a)s	<b>deles</b>

Fonte: Adaptado de Perini, 1985, p. 5.

Sendo assim, Perini (1985), com o objetivo de tentar explicar o motivo de coexistirem tanto formas simples quanto formas complexas distintas para o mesmo paradigma semântico (possessivo), parte de quatro indagações que ele mesmo tenta responder com base na discussão levantada no trabalho:

- a) Por que o pronome *seu* não manteve seus diversos sentidos?
- b) Por que *meu* e *nosso* não foram também substituídos por construções do tipo de + N?
- c) Por que *seu* foi mantido em um de seus sentidos (isto é, por que não foi substituído por \*de você)?
- d) Por que *seu* foi mantido em seu sentido de 2ª pessoa do singular, antes do que no de 3ª do singular, 2ª do plural ou 3ª do plural?<sup>3</sup>

A fim de sanar e discutir as repostas para estes questionamentos, Perini (1985) estabelece dois princípios que norteiam a explicação. O primeiro relaciona-se com as alterações que a comunicação exige, obrigando o sistema de possessivos a adaptar-se, e o segundo tem a ver com a resistência do sistema tanto quanto possível a essas alterações.

No entanto, o autor reconsidera a definição do PRINCÍPIO UM quando se depara com a Supressão de Sujeito Pronominal (SSP), na qual há a ocultação do sujeito que se comporta como pronome pessoal em situações não anafóricas (e.g. *Eu gosto de chocolate. / Gosto de*

<sup>3</sup> Questões retiradas de Perini, 1985, p. 7.

*chocolate.*). Como esperado, essa regra não engloba todas as ocorrências da língua, já que as desinências modo-temporais são iguais para pessoas do discurso diferentes em determinados contexto: *Você/Ele/A gente gosta de chocolate. / Gosta de chocolate.* (a forma verbal serve para a 2SG (*você*), para a 3SG (*ele*) e, ainda, para a 1PL (*a gente*) do indicativo, por exemplo, restringindo a regra da SSP que ocasionaria uma ambiguidade).

Toda a explicação dada por Perini (1985) sobre a SSP e como ela se adequa na língua, a partir dos princípios formulados por ele, objetiva chegar a uma conclusão: a reestruturação do PRINCÍPIO UM. Resumidamente, ela retifica o que originalmente foi definido como “aplicável dentro do sistema de possessivos” (1985, p. 12), já que a SSP não somente se delimita a esse sistema, englobando, também, o verbal. Dessa forma, a simples exclusão desse trecho do princípio não seria válida, pois não há motivo para acreditar na tendência de eliminação de absolutamente todas as ambiguidades que a língua possa apresentar, inclusive as sintáticas. Observando uma parte mais concreta da discussão e baseando-se nos exemplos apresentados, o risco de haver ambiguidade na seara das pessoas gramaticais é o ponto que desencadeia toda a problemática. Enquanto, *seu* é pronome possessivo para 2P e, originalmente, para 3P, *gosta* pode anunciar um sujeito de segunda ou de terceira pessoa do singular e primeira pessoa do plural.

Portanto, o caminho que o autor encontra para sanar esse percalço é redefinir o PRINCÍPIO UM, chegando à seguinte metodologia:

**PRINCÍPIO UM:** A ambiguidade deve ser evitada sempre que impedir a recuperação da pessoa gramatical referida.<sup>4</sup>

**PRINCÍPIO DOIS:** quando um sistema é alterado para atender ao PRINCÍPIO UM, só se admitem alterações mínimas.<sup>5</sup>

Segundo o pesquisador, essas condições podem ser aplicadas com muita efetividade ao português *coloquial* e dão conta de explicar as alterações sofridas pelo quadro pronominal dos possessivos, respondendo aos questionamentos levantados por ele. Para (a), a explicação recai sobre o PRINCÍPIO UM que bloqueia a presença de um possessivo do qual não é possível recuperar a pessoa gramatical sem que haja ambiguidade, ou seja, se a ambiguidade existe, o

---

<sup>4</sup> Retirado de Perini, 1985, p. 12.

<sup>5</sup> Retirado de Perini, 1985, p. 8.

PRINCÍPIO UM age para impedir que uma mesma estrutura faça menção a mais de uma pessoa do discurso ao mesmo tempo. Para (b), Perini (1985) se vale do PRINCÍPIO DOIS como justificativa ao dizer que apenas sejam feitas alterações mínimas e ressalta que essas mudanças se relacionam apenas à gramática.

Já para (c), sinteticamente, o pesquisador responde que, de acordo com o PRINCÍPIO UM, a forma menos custosa para não criar ambiguidade ao associar *você, vocês, ele e eles* ao possessivo *seu* é desmarcar todas as situações em que aparece, ao menos, uma delas, fazendo com que as outras ocorrências alterem-se para construções de-possessivas. Assim como o PRINCÍPIO DOIS afirma, mudanças não mais do que estritamente necessárias são concretizadas, tornando obrigatória a marcação de um deles e estabelecendo *seu* como representante da 2ª pessoa do singular no lugar de *\*de você*.

Por fim, em relação à questão (d), Perini (1985) afirma não ter explicação satisfatória. De forma resumida, nenhum dos princípios impactam nesse questionamento, já que todos os dois seriam satisfeitos independentemente da pessoa do discurso que tivesse preservado o *seu*. Embora não responda à pergunta, ele expõe uma suspeita de que pode haver algum tipo de “hierarquização de marcação (*markedness*)” (1985, p.15) entre as pessoas gramaticais, mas não se compromete a incorporar essa hipótese à sua defesa, dado que são necessárias mais pesquisas sobre o assunto para responder à questão adequadamente.

As considerações colocadas por Perini (1985) objetivam construir hipóteses para que a coexistência das formas possessivas sintéticas e analíticas para o mesmo paradigma possa acontecer na língua, defendendo a ideia de exclusão de formas ao afirmar que *seu* não recuperaria, no português coloquial, a 3P. Embora essas explicações pareçam funcionar, elas, teoricamente, são passíveis de contestação, visto que o autor não expõe efetivos dados de uso nem detalhes que comprovem as hipóteses defendidas, tampouco responde a um dos questionamentos formulados por ele mesmo.

Portanto, a partir das brechas deixadas por Perini (1985) em seu artigo, estabelecemos o ponto de partida de nossa pesquisa aqui documentada. Tentaremos complementar a explicação dada à questão (c) e responder efetivamente à questão (d), apresentando não só dados de um *corpus* diacrônico, mas também uma análise sincrônica por meio de um experimento com falantes nativos do PB. Em razão de o autor discorrer sobre o quadro pronominal de possessivos em sua totalidade, apresentamos, a seguir, um estudo que analisa especificamente o objeto de investigação desta monografia.

## 2.2 A ANÁLISE DE MARCOTULIO *ET AL* (2015)

Marcotulio et al (2015) propõem uma investigação acerca da possibilidade de ampliação do repertório de de-possessivos do PB a partir da inclusão da forma de 2SG *de você*, além de analisar as ocorrências dessa nova estrutura na história do português, levantando elementos que permitam entender qual a mudança linguística foi responsável pelo processo de emergência dessas estruturas perifrásticas.

O recorte selecionado para analisar o quadro pronominal dos possessivos do PB é o de estruturas da 2P, tanto simples quanto complexas do tipo preposição + SN. Além de salientar a variação em curso de *teu* e *seu*, os autores mostram que há a presença de um de-possessivo *de você* que, à primeira vista, não lhes parece totalmente aceitável, já que uma pequena consulta a falantes cultos com nível superior completo teve como resultado um certo estranhamento ou, até mesmo, negação da gramaticalidade da referida forma.

Como contraponto teórico sobre o mesmo tema, Marcotulio *et al* (2015) evocam o trabalho de Perini (1985), na qual o autor defende a não inclusão de *de você* no quadro de possessivos do PB. Isso é explicado a partir da tendência da língua de, na tentativa de evitar ambiguidades referenciais, especializar as formas das pessoas do discurso. Assim, por causar uma ambiguidade que impede a recuperação da pessoa gramatical referida, o possessivo *seu*, que, originalmente, funcionava para a 3P, passou a se referir à 2P (variando com *teu*) e seguiu apenas em uma delas (na 2P, basicamente), causando uma mudança nas demais pessoas que passaram a apresentar de-possessivos equivalentes (*de vocês*, *dele* e *deles*).

Os autores, então, buscam entender: i) se *de você* é uma estrutura encontrada como de-possessivo no PB, ou seja, se houve uma reanálise como de-possessivo na língua; ii) caso a resposta de *i* seja positiva, os autores se questionam: como se deu a implementação dessa forma? e iii) quais foram as construções que possibilitaram a emergência de *de você*?

Ao tratar da caracterização de de-possessivos, Marcotulio et al (2015) afirmam que há duas propriedades que os caracterizam. A primeira tem a ver com a marcação morfológica de pessoa do discurso, e a segunda diz respeito à relação temática com o nome ao qual se conectam como argumento genitivo. Além disso, também são evidenciadas as propriedades distribucionais dos possessivos, nas quais o pronome simples pode ocorrer em posição pré-nominal (o *meu* livro), com uma leitura definida, ou em posição pós-nominal (um livro *meu*), com uma leitura indefinida; já os de-possessivos, por serem uma estrutura preposicional, somente ocorrem em contextos pós-nominais independentemente do tipo de leitura (o livro *dele* / um livro *dele*).

Outro ponto para o qual os autores chamam a atenção é a conceituação da preposição *de* que caracteriza o pronome perifrástico. Basicamente, ela é apenas uma marcação morfológica que designa o caso genitivo (Giorgi & Longobardi, 1991; Müller, 1996 *apud* Marcotulio *et al*, 2015), ou seja, o *de* com interpretação possessiva na estrutura cristalizada *de você* — entendida, inclusive, como um pronome possessivo em si — serve apenas para encabeçar e marcar morfológicamente essas estruturas de caso genitivo com valor de posse, o que nos permite agrupá-las nas categorias de possessivos funcionais, diferenciando-as dos possessivos lexicais constituídos da junção da preposição *de* com um sintagma nominal, como em *a casa [da Maria]* ou *o carro [do João]* (cf. Castro, 2006). Por outro lado, ao contrário das outras preposições lexicais e funcionais no PB, o *de*, em construções ambíguas, não apresenta significado em si nem possui propriedades de atribuição de caso ou papel temático.

A partir disso, Marcotulio *et al* (2015) utilizam alguns pressupostos da teoria gerativa como referencial básico para seu trabalho que, embora não usemos a mesma linha em nossa pesquisa, é extremamente agregador para a discussão que fazemos neste trabalho. Portanto, eles se dedicam a explicitar a mudança linguística a partir da divisão entre Língua-I(nterna) e Língua-E(xterna), afirmando que a junção da capacidade mental com o material linguístico (*input*) é o que vai fazer com que a aquisição da linguagem seja bem-sucedida. Esses *inputs* podem vir de gerações diferentes e apresentar diferenças que acarretam “consequências para a fixação de determinado parâmetro” (Marcotulio *et al*, 2015, p. 8). Assim, se a interpretação de uma certa estrutura sintática pelos jovens for diferente daquela que os pais internalizaram, a gramática da nova geração realizou um processo de reanálise. Dessa forma, usando o recorte que se propuseram analisar no artigo, os autores trabalham com a hipótese de que *de você* teria sido reanalisado como possessivo, já que o *de*-possessivo de 2P, em teoria, não era originalmente tido como disparador da posse. A partir disso, eles definem que a reanálise aconteceu com padrões distintos — um *de você* possessivo e um *de você* ambíguo — que apresentam movimentos diferentes: “índices decrescentes de construções ambíguas serão acompanhados por taxas crescentes de construções possessivas.” (Marcotulio *et al*, 2015, p. 9).

Já que pretendem oferecer um mapeamento da alteração linguística estudada, Marcotulio *et al* (2015) utilizam *corpora* diversos para encontrar tanto dados de fala como de escrita formal e informal. A partir dos dados selecionados, inicia-se a análise e a discussão dos resultados encontrados nos *corpora*. Como a proposta do trabalho era investigar a emergência dos *de*-possessivos de 2P na história do PB, os autores separam os 218 dados encontrados em três categorias: i) não-possessivos; ii) possessivos; e iii) contextos propícios à ambiguidade sintática.

A primeira categoria discutida é a de não possessivos, na qual *de você(s)*: a) ocupa uma posição de oblíquo complemento (“preciso de vocês”, “vai depender de vocês”); b) ocupa posição de complemento de locução prepositiva (“atrás de vocês”, “dentro de você”); e c) participa de construções partitivas (“algum de vocês”, “nenhum de vocês”). Por apresentarem uma opacidade morfológica na distinção de caso, as formas pronominalizadas com *de + você* foram submetidas a testes de substituição pelo pronome de primeira pessoa com o objetivo de entender se determinada construção se encaixava como não possessivo: depender de vocês ~ depender de mim”, “está dentro de você ~ está dentro de mim”.

Tratados os casos de não possessivo, Marcotulio et al (2015) se debruçam sobre os casos de *de você(s)* possessivo e de ambiguidade sintática, evidenciando suas diferenças em relação a dados de outras sincronias do passado. Após isso, é feito um teste simples de substituição por formas sintéticas para comprovar a “possessividade” do *de você(s)*, como em “Eu não quero que Lourenço fique devendo ao filho de vocês nem uma hora.” ~ ao seu filho ~ ao meu filho. Um ponto muito frisado no artigo é a posição pré-nominal do possessivo simples, já que há um SN definido [*o filho de vocês*] em face à posição obrigatoriamente pós-nominal de uma construção preposicional em relação ao de-possessivo independentemente de leitura definida.

Também foram encontrados alguns casos do de-possessivo de 2SG, embora em quantidade ínfima, o que responde ao questionamento da possibilidade de dados no PB para essa construção com interpretação semântica de posse (“minha filha o caminho de você é estudar”; “domingo recebi 4 cartas 3 é de você e 1 é do meu irmão”).

Por fim, Marcotulio et al (2015) atestam que, dos três tipos de categorias formuladas (oblíquo complemento, construção com locução prepositiva e construção partitiva), todos eles permitem a ambiguidade com *de você(s)*, podendo ou não ter uma leitura como possessivo.

Toda essa descrição e análise dos dados encontrados no levantamento serve para ajudar a entender o caminho histórico traçado pelos de-possessivos de 2P. Em relação à forma plural *de vocês*, há um aumento das ocorrências como possessivo do século XIX para o XX (de 40% a 90%), acompanhado por uma queda em contextos de ambiguidade (60% no XIX para 10% no seguinte). Já o singular, embora as amostras coletadas tenham origens diferentes, os autores observam que a taxa de contextos de ambiguidade é altíssima (92%) no século XX quando comparada à contextos de-possessivos (8%). Na evolução temporal, nota-se um leve aumento para 17% nas estruturas possessivas juntamente a um decréscimo nas taxas de ambiguidade. Assim, Marcotulio et al (2015) chegaram à conclusão de que a inserção da forma analítica de 2PL se dá anteriormente à de 2SG, além de possuir uma implementação acelerada, podendo ser comprovada pela quantidade de dados encontrados para essa forma no século XX. No início



deste mesmo século, inicia a inserção de *de você*, mas de uma maneira bem tímida, justificada pela baixa produtividade nos dados.

Por mais que os autores afirmem que os dados devem ser observados com cautela pela baixa quantidade, alguns comentários preliminares são formulados a partir do levantamento feito. É possível interpretar os dados como indicadores de que o processo de mudança está em curso, chegando à hipótese de que a transformação do fenômeno começasse primeiramente na oralidade e, posteriormente, estendido aos textos escritos. Porém, ao observar especificamente a quantidade de cada dado, tem-se que os resultados apontam uma direção contrária, já que dados do de-possessivo de 2SG são encontrados em textos do século XX, mas não em registros orais. No século XXI, tanto os dados escritos quanto os orais apontam, em relação à quantidade, para a mesma utilização do novo pronome perifrástico com valor de posse, mas muito restrita à fala e à escrita informal.

Duas questões ainda são levantadas e não respondidas: a) em relação ao processo de reanálise, se ela é favorável a uma construção mais simples sintaticamente, é necessário entender o que se entende por “simplicidade” na sintaxe; e b) a partir disso, é preciso investigar qual propriedade gramatical teria se modificado para permitir esse processo de mudança sintática. A conclusão final a que se chega é a de que, no PB, esse processo de alteração linguística parece mais acelerado para 2PL (*de vocês*) do que para 2SG (*de você*). Por mais que Marcotulio et al (2015) deixem esses questionamentos abertos a pesquisas futuras, não nos debruçaremos sobre eles, visto que as propostas são baseadas em pressupostos e perspectivas teóricas diferentes das que estamos tratando nesta monografia.

Esse panorama de dois estudos sobre o tema dos possessivos, em particular sobre a inserção de *de vocês* como possessivo e as restrições de uso de *de você* no singular, serve para nos ajudar a entender o fenômeno, trazendo algumas discussões já feitas e resultados preliminares com base em dados empíricos. Além disso, esses estudos facilitam a apreciação da pesquisa aqui desenvolvida, oferecendo reflexões de diferentes matrizes teóricas para a discussão tão complexa que é o quadro pronominal do PB. Sendo assim, apresentaremos os pressupostos teóricos que, junto com as considerações já explicitadas, encaminham o andamento deste trabalho.

### 3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

No atual capítulo, introduzimos os pressupostos teóricos que fundamentaram tanto a construção das nossas hipóteses quanto toda nossa análise dos resultados da pesquisa. Pautando-nos em uma perspectiva funcional-cognitiva (Heine, 1997), utilizamos as considerações de Guedes (2021) sobre a possessividade para nos guiar no estabelecimento dos diferentes tipos de posse discutidos nesta monografia.

O trabalho de Guedes (2021) se debruça na atuação do tipo de posse na análise das formas possessivas de 3P no PB (*seu* e *de + N (dele(s))*). Em linhas gerais, a proposta era estudar o nível de prototipicidade das posses, atentando para os contextos mais propícios à forma simples ou à de-possessiva. Para isso, a autora assinala as principais tentativas de definição da posse — e os seus problemas relacionados — discutindo conceitos vinculados à noção possessiva (Heine, 1997), como a (in)alienabilidade e sua relação com locatividade, além de definir um protótipo de posse que as caracteriza e as diferencia em níveis escalares.

Segundo Guedes (2021), a posse mais prototípica é aquela que relaciona um possuidor humano a um objeto pertencente a esse possuidor, caracterizada como posse de *propriedade*, como em (05), em que *Samanta* é o possuidor humano e *celular* é o objeto/propriedade da posse:

(05) Samanta tem um celular / o celular da Samanta / *seu* celular ~ celular *dela*.

Os problemas começam quando a estrutura/noção possessiva se afasta do protótipo, como vemos em (06) e (07). Mesmo que se consideremos a existência de uma noção de *propriedade* bem ampla, o objeto da posse não é necessariamente concreto, tampouco uma propriedade *stricto sensu*:

(06) O Paulo tem um *irmão*.

(07) O Paulo tem *queixas*.

O destaque fica por conta de os possuídos não apresentarem mesma natureza semântica. Em outras palavras, não é possível “possuir” um *parente* ou uma *queixa* da mesma forma como possuímos um *celular*, mas, mesmo assim, há perfeitamente o estabelecimento de uma relação — e alguma associação — com o possuidor *Paulo*, o que a autora caracteriza como posse menos prototípica.

Toda essa conceituação é problematizada quando são apresentados exemplos, como (08) e (09):

(08) Maria chegou atrasada porque o ônibus dela demorou.

(09) Renan disse que o seu dentista é bom.

Nesses casos, embora uma estrutura formal de posse (*dela* e *seu*) seja utilizada, não se identifica uma ligação física e literal entre os termos destacados, mas sim uma relação de *estado*, evidenciando que a definição do que é posse precisa também englobar os sentidos metafóricos do fenômeno. Dessa forma, a autora discute, a partir de Seiler (1983) e Heine (2001), a necessidade de ampliar o escopo do conceito de posse, observando-o de acordo com a esfera biocultural do falante e o modo com a qual ele lida com o mundo a sua volta. Nesse caso, englobam-se na posse as *partes do corpo*, a relação *parte-todo*, os *pertences materiais*, o *parentesco*, as *propriedades culturais e intelectuais*. A amplitude do conceito para além da posse prototípica permitiu inserir as seguintes propriedades mencionadas por Seiler (1983, *apud* Heine, 2001):

- a) O possuidor é um ser humano.
- b) O possuído é uma coisa específica e concreta (geralmente inanimada), não abstrata.
- c) A relação entre os dois [possuidor e possuído] é exclusiva, ou seja, para cada possuidor há apenas um possuído.
- d) O possuidor tem o direito de fazer uso do possuído; outras pessoas podem fazer uso do possuído somente com a permissão do possuidor.
- e) A relação de posse é de longo prazo, medida em meses ou anos em vez de minutos ou horas.
- f) No discurso linguístico, o possuidor é apresentado como uma entidade referencial.

Assim, para a posse mais prototípica, todos esses critérios seriam positivamente marcados e, a partir disso, quanto menos critérios marcados houver, menos prototípica será a posse, como posses de *parentesco* (ter tio/filho/mãe), *abstratas* (ter ideia/medo/sonho), *parte do corpo* (ter mão/pé/cabeça) e *temporárias/físicas*. Portanto, definir a relação possuído-possuidor como “(X tem relação *de qualquer natureza* com Y)” (Guedes, 2021, p.57) parece ser mais adequado para poder abarcar todas as possíveis perspectivas de posse (mais dilatadas ou não), como *parte-todo*, *parentesco* e *parte do corpo*. Essa conceituação permite dar conta

da maior quantidade de casos possíveis encontrados nos levantamentos de *corpora* diversos, sem correr o risco de apresentar uma definição muito restritiva a ponto de excluir dados que claramente não são posse, mas utilizam uma estrutura possessiva.

Guedes (2021) se debruça, então, sobre os conceitos de (in)alienabilidade para tentar definir o limite que separa a posse mais prototípica da menos prototípica. Em linhas gerais, nas posses alienáveis, possuído e possuidor são independentes, podendo ser descontinuados com o rompimento da dinâmica estabelecida entre eles. Estariam nesse caso as posses prototípicas que envolvem objetos e itens que podem ser adquiríveis, como computador, carro, caneta, entre outros. As posses inalienáveis, por sua vez, possuem um tipo de interdependência entre os elementos que impede a separação deles e varia de acordo com a perspectiva adotada. Entrariam nesse grupo as relações de *parentesco* (irmão, pai de X), as *partes do corpo* (*mão, pé* de X), as relações de *parte-todo* (galho da árvore), os *estados físicos e mentais* (força, medo de X), ou seja, os elementos supostamente possuídos não podem ser descontinuados (*adquiridos/emprestados/substituídos/vendidos*), uma vez que fazem parte do possível possuidor ou estão integrados a ele. Em outras palavras, a possibilidade ou não de desassociar um item de seu proprietário é o que distingue o conceito de (in)alienabilidade.

Tendo isso em mente, tomemos os seguintes exemplos construções de SN para discutir melhor os conceitos:

(10) A mochila do adolescente / sua mochila / a mochila dele é grande;

(11) A mão do motoqueiro / sua mão / a mão dele está suja.

Em (10), temos uma posse alienável de *propriedade*, na qual há o possuidor humano [o adolescente] juntamente associado a um possuído objeto [a mochila] que, além de ser concreto e palpável, pode ser manipulado de diversas maneiras à vontade do possuidor, como compra, venda, troca, empréstimo, ou seja, essa relação “é flexível e mutável a qualquer instante, desde que o proprietário deseje” (2021, p. 60). Por outro lado, o exemplo (11), no qual o possuído é [a mão], há uma associação intrínseca com o possuidor [o ciclista], já que aquele está na categoria de *partes do corpo* (inalienável). Dessa forma, o possuído não pode ser submetido às mesmas situações do exemplo anterior, como compra, venda, empréstimo, entre outros. Isso ocorre porque esse possuído está inerentemente ligado ao possuidor, sendo imutável e inflexível em relação a alterações nessa relação possuído-possuidor, pois, em situações não metafóricas, não é possível comprar/vender/emprestar/trocar uma mão da mesma forma que fazemos com uma mochila.

Por se afastarem do protótipo [X<sub>(HUMANO)</sub> possui Y<sub>(OBJETO)</sub>]<sup>6</sup>, as posses inalienáveis permitem “leituras metaforizadas dos tipos de posse existentes no português” (2021, p. 63), ou seja, há um processo de metaforização da posse de *propriedade*, estabelecendo uma relação possessiva a sintagmas que, em sua natureza, não são concretos nem palpáveis.

Depois de apresentadas todas essas conceituações e problematizações acerca da complexidade em definir o que é posse, Guedes (2021), com base em Heine (1997), caracteriza sete noções possessivas que variam conforme a prototipicidade de cada uma delas: *física*, *temporária*, *permanente*, *inalienável*, *abstrata*, *inalienável inanimada* e *alienável animada*. De acordo com o recorte selecionado para esta monografia e para a análise aqui contida, apresentamos apenas as noções que foram encontradas no *corpus* (vide capítulo 4)<sup>7</sup>:

**Noção de posse física** — consiste em uma associação física entre possuidor e possuído dentro de um mesmo ponto de referência. No exemplo “Eu quero preencher este formulário, você tem uma caneta?”, *você* (possuidor) e *caneta* (possuído) se conectam fisicamente no mesmo espaço, já que o primeiro, animado, é capaz de exercer ações, e o segundo é inanimado e manipulável. A problematização que a autora apresenta é a diferenciação entre o que se está chamando de posse propriedade e posse física. Basicamente, o que difere as duas é o controle sobre o ente inanimado, ou seja, caso a pessoa tenha uma caneta, mas esqueceu-a em casa, a posse é de *propriedade*, mas não *física*; caso ela dissesse que a caneta está no bolso dela, a posse é física, visto que o controle físico do objeto é possível. Isso mostra que a diferenciação das duas noções se dá pelo contexto.

**Noção de posse temporária** — funciona como a *posse física*, tendo como diferença uma dinâmica com prazo de validade. Em outras palavras, há um limite temporal definido para terminar, fazendo com que a posse se torne, como o próprio nome diz, temporária. “Eu tenho um carro que eu uso para ir ao trabalho, mas ele pertence à Judite.” é o exemplo que a autora utiliza para explicar a noção, no qual a relação estabelecida entre o *eu* e o *carro* ocorre apenas quando o veículo está sob o domínio de

<sup>6</sup> Embora tenhamos argumentado, a partir de Guedes (2021), que essa fórmula se mostra mais restritiva para analisar os dados, utilizá-la-emos como fórmula principal para nossa pesquisa, visto que o tema estudado é inovador e não há muitos trabalhos sobre ele a partir da perspectiva teórica que adotamos. Portanto, usaremos esta fórmula para a verificação dos dados diacrônicos e sincrônicos a serem apresentados mais à frente.

<sup>7</sup> Vale ressaltar que, por mais que Guedes (2021) faça uma separação entre noções de posse *física*, *temporária* e *permanente*, todas elas são, em algum nível, uma posse com valor de *propriedade*, sendo a diferenciação em noções atribuída pelo contexto de aplicação.

quem o utiliza. Assim, quando o *eu* não está indo para o trabalho, a posse não existe mais, já que o carro é de outro possuidor. “A interpretação do tipo de posse é, como ressaltamos, baseada na leitura que se faz sobre a relação das entidades que participam de uma cena.” (Guedes, 2021, p. 70).

**Noção de posse permanente** — mais simples de definir, a *posse permanente* é aquela que o possuidor tem propriedade sobre o possuído, materializado por um título de qualquer natureza. Essa noção de propriedade legal é fruto das sociedades ocidentais e configura uma posse permanente do possuidor, independentemente de outra pessoa utilizá-lo.

**Noção de posse inalienável** — basicamente, o possuído não pode ser separado de seu possuidor, como os tipos *parte do corpo* (“Eu tenho olhos azuis.”) e *parentesco* (“Eu tenho duas irmãs”). A autora, no entanto, critica a proposta de classificação de Heine (1997), afirmando que enxerga esses tipos como itens distintos e propõe não os colocar na mesma classificação. Assim, há duas explicações para essa proposição: a) no caso *parte do corpo*, há uma relação intrínseca mais forte entre o possuidor e o possuído de forma que não é possível conceber, em nível escalar, uma parte do corpo sem que ela esteja imediatamente associada a um corpo. Por outro lado, no caso *parentesco*, há a possibilidade de compreender uma relação familiar existente para além do possuidor, diferenciando-o do tipo anterior; e b) os traços dos dois tipos são diferentes, já que, enquanto *parte do corpo* apresenta um modelo humano-corpo [ $X_{(\text{HUMANO})}$  possui  $Y_{(\text{CORPO})}$ ], *parentesco* exprime um modelo humano-humano [ $X_{(\text{HUMANO})}$  possui  $Y_{(\text{HUMANO})}$ ], configurando uma diferença importante na interpretação dos dados dos dois tipos de posse e fundamentando a posição de Guedes (2021). Assim, para a análise dos dados deste trabalho monográfico descrita nos capítulos seguintes, seguiremos a proposta de Guedes (2021) e diferenciaremos *parte do corpo* de *parentesco*.

**Noção de posse abstrata** — consiste na relação entre um possuidor necessariamente humano e um possuído manifestado por um conceito não visível ou tangível, como um sentimento, uma doença, um estado psicológico, entre outros (“Ele não tem tempo.” / “Ele não tem piedade.”). Além disso, também é possível encontrar, pensando em uma representação mais ampla de posse, situações nas quais o possuidor não tem o possuído

concretamente e manifesta essa falta por meio do reconhecimento da ausência (“Eu tenho um dente faltando.”).

É a partir dessas noções possessivas que Heine (1997), segundo Guedes (2021), estrutura um protótipo de posse, salientando certas propriedades que estão presentes em determinados tipos, mas não em outros. Assim, a autora apresenta, depois de definidas e esmiuçadas as noções possessivas, um esquema formulado por Heine (1997) que rege cada uma das noções apresentadas, marcando-as positiva ou negativamente a partir de cinco critérios:

- I. O possuidor é um ser humano.
- II. O possuído é um item concreto.
- III. O possuidor tem direito de fazer uso do possuído.
- IV. Possuidor e possuído estão em proximidade espacial.
- V. A posse não tem limite temporal concebível.<sup>8</sup>

Quadro 3 — Distribuição dos critérios de avaliação de prototipicidade das noções possessivas de Heine (1997).

NOÇÕES POSSESSIVAS					
	FÍSICA	TEMPORÁRIA	PERMANENTE	INALIENÁVEL	ABSTRATA
I	+	+	+	+	+
II	+	+	+	+	-
III	+	+	+	+/-	-
IV	+	+	+	+/-	+
V	-	-	+	+	+/-

Fonte: Adaptado de Guedes (2021), p.75.

Ao observar o quadro, é possível notar que a posse *permanente*, presente na terceira coluna, é a única que é positivamente marcada para todos os critérios de prototipicidade, o que ratifica o modelo [X<sub>(HUMANO)</sub> possui Y<sub>(OBJETO)</sub>]. Já as posses *física* e *temporária* se afastam

<sup>8</sup> Retirado de Guedes (2021), p. 75.

levemente do protótipo pelo fato de ambas serem negativadas para o critério V que consiste na não existência de um limite temporal para as posses. A autora afirma que a posse *inalienável* não é completamente esclarecedora porque atende positiva (+) e negativamente (-) os critérios de acordo com o contexto ao qual está inserida, evidenciando que esses critérios não se mostram suficientes para “detalhar e diferenciar pelo menos duas das três noções mais próximas do núcleo do protótipo” (Guedes, 2021, p.76). Na extremidade direita do quadro, representando uma das noções mais distantes do modelo, encontra-se a posse *abstrata* que é marcada negativamente para pelo menos três dos cinco critérios, alcançando, assim, o menor grau de prototipicidade dentre todas as noções possessivas aqui expostas.

Em outras palavras, Heine (1997) propõe um gradiente, no qual, partindo da noção de posse mais prototípica, temos a *permanente* como centro e, a partir dela, quanto mais critérios são marcados negativamente, mais a noção se afasta desse centro e, conseqüentemente, mais metafórica é a relação possuidor e referente possuído.

Com base nessa abordagem, Guedes (2021) propõe uma reflexão sobre as nuances dessa conceituação teórica de posse, buscando entender a atuação do tipo de posse na variação *seu ~ dele*. A investigação, então, se pauta em testar se, nas posses mais prototípicas (*propriedade*), haveria uma maior aceitação da forma *dele* que parece mais sensível ao modelo primário [X<sub>(HUMANO)</sub> possui Y<sub>(OBJETO)</sub>]. Em contrapartida, as posses menos prototípicas seriam, teoricamente, associadas ao possessivo *seu*, já que são compostas pelos tipos mais difusos e amplos (*parentesco* ou *parte do corpo*, por exemplo). Portanto, a hipótese do trabalho se dá na investigação do possessivo *seu* atribuído a uma extensão de uso referencial após a gramaticalização de *vossa mercê > você*, difundindo-se na segunda pessoa (novo contexto de mudança) em situações de posse mais prototípica e mantendo-se na terceira pessoa em contexto de posse menos prototípica. A forma *dele*, por evidenciar mais claramente um possuidor do modelo humano, teria se expandido por contextos de posse mais prototípica [X<sub>(HUMANO)</sub> possui Y<sub>(OBJETO)</sub>].

A partir de uma metodologia experimental de pesquisa para coletar e analisar os dados, a autora confirmou suas hipóteses. De uma maneira geral, os resultados demonstraram que *seu* apresenta uma extensão de uso referencial nos contextos mais prototípicos em relação à 2P e nos menos prototípicos para a função original de 3P, além de constatar a entrada da nova estratégia *dele* no quadro de possessivos nas interpretações mais prototípicas.

Em síntese, o arcabouço teórico discutido por Guedes (2021) formulado com base em Heine (1997) orienta as discussões formuladas nesta monografia. Além do refinamento quanto aos tipos de posse, pretendemos testar a hipótese de que as formas novas se inserem no sistema



a partir dos contextos *mais prototípicos*, enquanto as mais antigas se mantêm nos *menos prototípicos*. No nosso caso, tentaremos verificar, nos limites deste trabalho, se a estratégia *de+você* se inseriu mais rapidamente no contexto de posses prototípicas (*propriedade*), ao passo que *seu* (mais antiga do que a anterior) teria ainda se mantido nos outros contextos mais amplos e menos prototípicos como *parentesco* e *partes do corpo*, por exemplo. Além de observar essas duas estratégias, incluiremos *do+senhor* como estratégia de controle para verificar outra hipótese que foi proposta a partir de resultados diacrônicos que serão apresentados na próxima seção.

## 4 FASE 1 — A DESCRIÇÃO DE USO

Nesta seção, apresentaremos como se deu a Fase 1 da pesquisa de cunho descritivo com dados do passado. A metodologia se calçou no levantamento de dados em *corpora* digitais e na apresentação dos resultados gerais e quantitativos obtidos a partir dele. Além disso, também propomos uma tipologia com o intuito de descrever os itens encontrados, separando-os conforme dois critérios: um formal e um semântico. Essa tipologia visa testar se as construções genitivas com *de você*, levantadas em amostras escritas do passado, configuram uma noção possessiva ou apenas constituem uma estrutura sem necessariamente assumir uma interpretação de posse dentro do contexto de uso.

### 4.1 METODOLOGIA DA DESCRIÇÃO DE USO

Com o objetivo de averiguar um possível uso diacrônico das estruturas perifrásticas, fizemos um levantamento de dados no site *Corpus do Português* (Davies e Ferreira, 2006) (<https://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/>) em busca de ocorrências de *de você(s)*, cuja estrutura funcione ou exerça alguma relação possessiva. Para uma análise mais aprofundada, decidimos fazer um recorte, averiguando apenas a estrutura em sua forma de singular e propondo uma tipologia que diferenciasse os dados encontrados.

Para identificar se a estrutura assumia algum valor possessivo, os dados foram lidos um a um e a estratégia inicial para considerar se a construção *de + você* poderia ou não ser interpretada como posse foi analisar sintaticamente. Para esse levantamento inicial, utilizamos a gramática tradicional para classificar as ocorrências encontradas, verificando se elas apresentam, em algum nível, uma leitura possessiva. O primeiro critério para a análise foi a substituição da estrutura por um possessivo simples.

Assim, foram identificados, no *corpus*, 347 dados, dos quais apenas 45 foram selecionados por apresentarem uma estrutura genitiva do tipo SN + *de você* com algum conceito de posse. Separamos essas ocorrências de outras construções sintáticas com a preposição *de*, como:

(12) “O Leo gostava muito de você.” (AGUIAR, Adonias. *Corpo vivo*. 1962) — objeto indireto.

(13) “O fato de você ter voltado a trabalhar na imprensa.” (AGUIAR, Adonias. *Corpo vivo*. 1962) — adjunto adnominal.

(14) “Satanás tome conta de você.” (AMARAL, Maria Adelaide. *Aos meus amigos*. 1992) — complemento nominal.

(15) “Mas, no fundo, só depende de você.” (CARVALHO, Bernardo. *As iniciais*. 1999) — objeto indireto.

O fato de encontrarmos o uso de *de você* fora da construção genitiva estudada nos mostra que essa estrutura existe, sendo produtiva e recorrente no uso, mas apresentando um estranhamento quando a ela é atribuída interpretação de posse.

A partir desse levantamento inicial de caráter mais intuitivo, propomos uma organização dos dados da construção *de + você* possessiva com base no estudo de Guedes (2021), considerando as ocorrências genitivas como mais ou menos prototípicas e levando em conta a fórmula [X<sub>(HUMANO)</sub> possui Y<sub>(OBJETO)</sub>] como padrão e ponto de partida. Dessa forma, em uma segunda análise, mais refinada, das ocorrências genitivas, estabelecemos dois critérios para caracterizar os dados selecionados: a) **critério formal** – substituição da forma perifrástica (*de você*) pela simples (*seu*) tanto anteposta como posposta ao SN; e b) **critério semântico** – efetiva interpretação de posse, seguindo o gradiente proposto por Heine (1997) *apud* Guedes (2021). Sendo assim, postulamos a separação dos itens em quatro categorias que serão mais bem definidas a seguir: *posse plena*, *posse de ambiguidade*, *posse duvidosa* e *posse ilegítima*.

## 4.2 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA FASE 1

### 4.2.1 Dados de posse plena

Chamamos de *posse plena* quando a noção possessiva é instantaneamente reconhecida na leitura dos dados, ou seja, tanto o critério formal quanto o semântico são plenamente satisfeitos sem alterar o sentido e nem causar ambiguidade à interpretação da estrutura. Foram identificados 13 dados na categoria de *posse plena* no *Corpus do Português* (Davies e Ferreira, 2006).

Esses dados, entretanto, soam, de certo modo, como “estranhos” aos ouvidos de um falante de PB, mas são plenamente compreendidos como posse. Seguem alguns exemplos, e as

substituições das estruturas testadas estão indicadas em itálico-sublinhado com as variações possíveis para controle:

(16) “e amanhã aponto as promissórias de você no protesto.” (VIEIRA, José Geraldo. *A mais que branca*. 1974) — *promissórias de você* ~ *suas promissórias* ~ *promissórias suas*.

(17) “quando outros cortam na pelle de você. E não são poucos Gêgêca ...” (TAUNAY, Alfredo. *Ao entardecer*. 1901) — *pelle de você* ~ *sua pele* ~ *pele sua*.

(18) “Isto foi o pai de você, comentou o Outro. - E eu também...” (BARRETO, Lima. *Cemitério dos vivos*. 1920) — *pai de você* ~ *seu pai* ~ *pai seu*.

A partir disso, podemos salientar dois pontos muito interessantes. O primeiro se dá pelo fato de que a grande maioria dos dados que se encaixa nessa categoria possui um substantivo concreto como núcleo do sintagma nominal (*pai*, *pele* e *promissórias*). Poucas são as exceções, como nos exemplos a seguir:

(19) “Não vou deixar escapular esta vaza. Sim, o único ensejo de você.” (VIEIRA, José Geraldo. *A mais que branca*. 1974) — *ensejo de você* ~ *seu único ensejo* ~ *único ensejo seu*.

(20) “Não, não, implorava a digna senhora, quero morrer ao lado de você.” (ASSIS, Machado de. *O alienista*. 1882) — *lado de você* ~ *seu lado* ~ *lado seu*.

Observamos que os substantivos *ensejo* e *lado*, por mais que sejam abstratos, estão muito atrelados à materialidade propriamente dita. Em outras palavras, *ensejo*, por estar muito ligado ao verbo nocional de primeira conjugação *ensejar*, apresenta uma carga muito concreta acerca de uma ação, e *lado*, por depender categoricamente de um referencial físico, se aproxima da concretude que um termo pode apresentar.

O segundo ponto é pensar que todos os dados da categoria são oriundos de outros séculos. Esta é a única, dentre as quatro categorias, na qual o reconhecimento de posse está intimamente atrelado ao tempo em que o texto foi escrito/publicado. Assim, por fazerem parte de produções do século XIX e início do XX — ou que remetem a falares dessas épocas —, se

torna essencial investigar e entender a partir de que momento a construção *de você* parou de funcionar em conceitos de posse plena e deu lugar a uma maior produtividade do possessivo simples *seu*.

#### 4.2.2 Dados de posse de ambiguidade

A segunda categoria é caracterizada como aquela em que o reconhecimento da posse não acontece de maneira tão automática e natural, o que gera ambiguidade no texto ao utilizarmos o critério de substituição pelo possessivo simples. No geral, todos os 11 dados levantados são compostos exclusivamente de substantivos abstratos que não possuem relação com a materialidade em nenhum contexto. Portanto, esta categoria se diferencia da primeira em dois pontos: a) a natureza do substantivo núcleo do sintagma nominal — é uma noção abstrata de posse (cf. Guedes, 2021, p.72) —; e b) a leve confusão semântica causada pela aplicação do critério de substituição.

(21) “Estou morrendo de saudade de você.” (AMARAL, Adonias. *Corpo Vivo*. 1962)  
— saudade de você ~ sua saudade ~ saudade sua.

(22) “Mamãezinha tem ciúmes de você.” (ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. 1899)  
— ciúmes de você ~ seus ciúmes ~ ciúmes seus.

(23) “Você nem sabe como tenho inveja de você.” (OLINTO, António. *Tempo de palhaço*. 1989) — inveja de você ~ sua inveja ~ inveja sua.

Cada um desses exemplos é uma amostra de quais tipos de substantivos nos referimos anteriormente. Em linhas gerais, o foco da oração está no possuidor e não no possuído, fazendo com que *de você* funcione como um complemento dos nomes *saudade*, *ciúmes* e *inveja* e, ao aplicarmos o critério da substituição pelo pronome *seu* anteposto, o possuidor do sentimento abstrato é alterado.

Tomemos o dado (22) como exemplo. O possuidor dos [ciúmes], inicialmente, é [Mamãezinha] e o [de você] não é a estrutura que ativa a posse, já que se comporta como complemento genitivo de [ciúmes]. Entretanto, ao posicionarmos o possessivo simples antes do SN (*Mamãezinha tem seus ciúmes*), notamos que o possuidor dos [ciúmes] deixa de ser,

primariamente, a [Mamãezinha] e passa a ser o interlocutor em contato com esse enunciado, fazendo com que haja uma mudança radical no contexto.

Isso acarreta problemas semânticos, já que se cria uma ambiguidade de disparadores de posse, ou seja, embora a possessividade esteja estabelecida pelos verbos *ter/estar*, o uso do pronome simples anteposto ao SN também aciona, em igual nível aos verbos, a posse, provocando uma interpretação enviesada e criando uma concorrência entre esses disparadores. Em contrapartida, ao aplicarmos o pronome possessivo sintético posposto (*Mamãezinha tem ciúmes seus*), não há essa transferência de possuidor, mas pode soar um tanto estranho para o falante mesmo que possua, a princípio, boas taxas de produtividade.

Curiosamente, a relação possuidor-possuído aparece de duas maneiras nessas construções. A primeira é exprimida pelo verbo *ter / estar* — no caso de *estar*, há indicação de uma posse temporária — e a segunda, pela construção genitiva de posse *de + N*. O mais interessante disso é que nos parece haver uma certa concomitância entre essas duas formas, nas quais a existência de uma não anula a da outra, exceto quando há a substituição pelo pronome possessivo simples. Sendo assim, postulamos que a interpretação de posse nessa categoria é acionada não só pelo uso da estrutura perifrástica, mas também pela própria semântica dos verbos *ter/estar* que, naturalmente, disparam o *frame* de possessividade mais ou menos prototípica nos termos de Guedes (2021).

#### 4.2.3 Dados de posse ilegítima

A categoria 3, *posse ilegítima*, consiste exatamente nos casos em que nem o critério formal nem o semântico são plenamente satisfeitos. A posse apresentada no dado não é marcada pela preposição em contexto genitivo, mas, novamente, pelo verbo *ter*. Dessa forma, por ela não ser estabelecida pelo *de*, o dado apresenta problemas sérios em relação ao sentido do texto ao passar pelo critério de substituição, ou seja, trocar o pronome *de + N* por *seu* ocasiona uma confusão semântica, já que a relação de posse se dá no verbo propriamente dito. Dessa forma, foram levantados nove dados em três estruturas diferentes que são muito comuns na atualidade da língua, como construções cristalizadas de verbo suporte (*ter medo, ter piedade, ter pena*):

(24) “... se eu tenho medo de você, é porque você pode me fazer um mal.” (Linguagem Falada: Recife: 230) — *medo de você* ~ *seu medo* ~ *medo seu*.

(25) “Mas eu, eu sim, eu e a polícia federal, quero dizer, tivemos piedade de você.”  
 (CALLADO, António. A madona de cedro. 1957) — *piedade de você ~ sua piedade ~*  
*piedade sua.*

(26) “Não; mas parece doente. E eu tenho pena *de você*, porque não se governa!” —  
 (ROCHA, Lindolfo. Maria Dusá. 1980) — *pena de você ~ sua pena ~ pena sua.*

Ao observar os exemplos selecionados, podemos notar que *de você* funciona como um complemento nominal que, ao ser substituído pelo pronome simples anteposto, ocasiona uma alteração na relação entre possuidor e possuído, já que o agente da posse muda. Da mesma forma, quando o colocamos posposto, a transferência de possuidor também ocorre, invalidando tanto o critério formal quanto o semântico, já que não é possível interpretar a posse.

Embora a estrutura possessiva seja usada, a relação possuidor-possuído não se dá dentro do sintagma nominal, mas sim no sintagma verbal, estabelecendo a posse entre sujeito e objeto. Essas construções com o verbo *ter* (*ter medo, ter piedade, ter pena*) já são cristalizadas no PB e, por funcionar como um suporte, *ter*, possivelmente, tornou a estrutura enrijecida. Por isso, essas posses são consideradas ilegítimas em relação ao objeto de estudo e ao embasamento teórico ao qual este trabalho está vinculado.

#### 4.2.4 Dados de posse duvidosa: expressões idiomáticas, estruturas parte-todo, outros casos

A categoria de *posse duvidosa* recebeu esse nome justamente por estar em nível escalar muito medial em relação à prototipicidade da posse, no qual os conceitos se mesclam e funcionam em algumas construções, mas deixam de funcionar em outras. Devido a isso, essa é a categoria que possui uma quantidade maior de dados individualizados do total de 12 levantados, os quais não são possíveis separar em um único grupo.

Assim, a categoria de *posse duvidosa* se divide em três subcategorias associadas a cada dado encontrado:

##### 4.2.4.1 Expressões idiomáticas

Como o próprio nome da seção afirma, esta subcategoria trata de construções cristalizadas e já consolidadas na língua, ou seja, *de você* integra uma expressão idiomática

comum às relações de uma época passada e que se estabeleceu dentro da estrutura, não sendo possível sua substituição e, portanto, não satisfazendo o critério formal.

(27) “[...] deixe-me sossegado, que eu não *faço conta de você*.” (TÁVORA, Franklin. O matuto. 1902).

Esse exemplo é o mais simples e visual dessa categoria justamente porque se trata de uma estrutura cristalizada, ou seja, não é possível analisar *de você* isoladamente, mas sim em todo o contexto *fazer conta de você*.

Por mais que seja muito comum nos falares, é complexo afirmar simplesmente que não é posse devido ao fato de não ser uma estrutura livre, mas sim pré-estabelecida. Dessa forma, ao aplicar o critério formal, vemos que as formas resultantes tanto com o possessivo anteposto quanto posposto não sucede em construções producentes no PB. O mesmo acontece com a variante *fazer caso de você* que também foi encontrada no levantamento dos quatro dados desta subcategoria.

(28) “Sai daí, tolo. Pensa que Isaura *faz caso de você*.” (GUIMARÃES, Bernardo. A escrava Isaura. 1875).

#### 4.2.4.2 Estruturas de parte-todo

(29) “Ele é a única parte de você realmente afetiva e generosa.” (AGUIAR, Adonias. *Corpo vivo*. 1962). — *parte de você* ~ *sua parte* ~ *parte sua*.

O caso do exemplo (29) é interessante porque se trata de um exemplo de posse inalienável com característica de *parte-todo* (cf. Heine, 1997 *apud* Guedes, 2021). Isto é, sob os critérios que Guedes (2021) apresenta, a relação de posse se mostra afastada do protótipo [X<sub>(HUMANO)</sub> possui Y<sub>(OBJETO)</sub>]. Ao aplicarmos o critério de substituição, o pronome possessivo simples preposto resulta em uma construção que nos parece estranha, embora o posposto se apresente como possível, ainda que cause “incômodos” ao ouvido.

#### 4.2.4.3 Outros casos



(30) Estávamos à espera de você para um solo. (ASSIS, Machado de. Casa velha. 1886).  
 — espera de você ~ sua espera ~ espera sua.

Nesse caso, diferentemente dos outros, quando aplicamos o critério de substituição, o resultado é satisfatório principalmente para o pronome possessivo anteposto, já que “Estávamos à sua espera” é uma oração perfeitamente possível e produtora na língua. Entretanto, quando o pronome *sua* aparece na posição posposta, o resultado nos parece apresentar baixa usabilidade na língua e causa uma certa estranheza ao falante.

O problema disso é o fato de que, por mais que o critério de substituição seja parcialmente satisfatório, não há, semanticamente, um contexto de posse de nenhuma natureza. O único ponto que denuncia uma suposta posse é a estrutura com o uso do pronome possessivo, mas a ideia possessiva não existe. Postulamos, então, que o morfema estabelece apenas uma relação de estado entre possuído e possuidor, embora não haja uma conexão física e literal entre as duas partes (cf. Guedes, 2021, p. 56).

#### 4.3 HIPÓTESES E CONCLUSÕES DA FASE 1

O levantamento e a diferenciação em possíveis categorias analíticas, formando uma tipologia, nos ajuda a entender um pouco mais sobre qual caminho trilhou o sistema de possessivos ao longo da evolução histórica do PB. Isso nos revela três coisas: i) a estrutura possessiva perifrástica *de você* é encontrada na língua — tanto de séculos passados como do atual — associada a níveis de possessividade diferentes no sistema; ii) o *você*, nos séculos passados, não operava ainda como um pronome pessoal, mas sim como pronome de tratamento, atestado e confirmado no estudo de Lopes et al, 2018; e iii) se o de-possessivo funcionava com o pronome de tratamento, as estruturas, então, seriam perfeitas se substituídas por outros SN tratamentais ou não (A casa do senhor ~ de Vossa excelência ~ de vossa senhoria ~ de vossa mercê (você) — A casa de Paulo ~ a casa de Pedro ~ a casa do cachorro). Nos nossos dados de posse plena levantados, a substituição por tratamentos de base nominal soava (e ainda soa) como usuais no PB: *promissórias do senhor / pele do senhor / pai do senhor*.

A partir dessas conclusões prévias, podemos inferir que a categoria de *posse plena* é a que mais se aproxima do protótipo de posse [X<sub>(HUMANO)</sub> possui Y<sub>(OBJETO)</sub>], já que é a única a satisfazer indiscutivelmente os dois critérios formulados para a análise dos dados selecionados. Ao direcionarmos o olhar exclusivamente para esta categoria, percebemos três tipos de posse muito característicos: a) **propriedade**; b) **parentesco**; e c) **partes do corpo**; sendo a primeira

a mais prototípica, e as duas últimas aquelas que mais se afastam do protótipo. O fato desses dados serem encontrados em textos dos séculos XIX e XX nos permite questionar se essas estruturas, usuais antigamente, se comportam da mesma maneira com falantes do português brasileiro contemporâneo. Sendo assim, se faz necessária uma investigação mais aprofundada diretamente com falantes da língua para entender como e se eles aceitam essas construções atualmente.

Para que possamos testar essa aceitabilidade, formulamos um experimento a partir de duas hipóteses, baseadas em Perini (1985) e Guedes (2021), que testam se as conclusões propostas pelos autores ao analisar o quadro de possessivos — Guedes (2021), em especial, os dados de possessivos de 3P — se confirmam para os possessivos de 2P, levando em conta as particularidades da inserção de *você* no sistema de pronomes pessoais.

Assim, **a primeira hipótese** tem a ver com o nível de rejeição à forma *de você*, ou seja, esperamos que ela seja menos aceita como possessivo de 2P do que as outras formas, seguindo a descrição feita por Perini (1985), que postula que a forma simples *seu* é o possessivo de 2ª pessoa que acompanhou a entrada de *você* no sistema pronominal, embora, em localidades brasileiras, onde se utiliza *tu*, a variante *teu* se faz ainda presente como a forma possessiva mais antiga de 2P. Para o autor, como vimos anteriormente, variantes possessivas distintas se realocaram no sistema evitando a ambiguidade trazida por *seu* quando passou a funcionar também para a segunda pessoa. Assim, os quatro espaços ocupados por *seu* são substituídos por outras estratégias: *seu* se consolida como o possessivo de 2SG, *dele* como o possessivo de 3SG, *de vocês* como a forma de 2PL e *deles* como a de 3PL.

Já **a segunda hipótese** tem a ver com o tipo de posse de *propriedade* — mais prototípica dentro daqueles encontrados na categoria de *posse plena* — ter uma aceitação um pouco maior com o de-possessivo *de você* do que com os outros dois tipos (*seu* e *do senhor*) que seriam mais propensos a causar ambiguidades por funcionarem para marcar mais de uma pessoa ou função sociopragmática (o pronome simples serve à segunda e à terceira pessoas, e o tratamento *do senhor* carrega valor de distanciamento e formalidade). Dessa forma, presumimos uma maior aceitabilidade dos tipos inalienáveis (*parentesco* e *partes do corpo*) às formas *seu* e *do senhor*.

Essas hipóteses tentam não só testar as conclusões de Guedes (2021) que se referem à entrada de formas inovadoras de-possessivas nos contextos mais prototípicos (*propriedade*), mas também esclarecer as duas perguntas que Perini (1985) deixa em aberto em seu artigo: i) “Por que *seu* foi mantido em um de seus sentidos (isto é, por que não foi substituído por \**de você*)?” e ii) “Por que *seu* foi mantido em seu sentido de 2ª pessoa do singular, antes do que no de 3ª do singular, 2ª do plural ou 3ª do plural?” (1985, p. 7).

## 5 FASE 2 — O EXPERIMENTO

Nesta seção, mostraremos como a Fase 2 da pesquisa foi estruturada e aplicada, além de analisarmos os dados provenientes do experimento<sup>9</sup>. Juntamente com isso, abordaremos as principais diretrizes que nortearam a construção da tarefa experimental proposta para o estudo da variação *seu ~ de você ~ do senhor*, destacando suas vantagens, justificando a escolha por esse método de testagem e dissecando o passo a passo do processo de experimentação.

### 5.1 METODOLOGIA DO EXPERIMENTO

Para que fosse possível testar a percepção dos falantes do português brasileiro contemporâneo em relação à forma possessiva simples *seu* e às perifrásticas *de você* e *do senhor*, adotamos como metodologia experimental o julgamento de aceitabilidade por escala (cf. Derwing, De Almeida, 2005; Schütze, Sprouse, 2013; Kenedy, 2015). Esta técnica é largamente utilizada em estudos psicolinguísticos e consiste em apresentar enunciados aos participantes, pedindo para que eles avaliem o quão aceitáveis ou comuns são os itens perguntados com base em uma escala de notas que pode variar conforme o estudo em desenvolvimento (cf. Kenedy, 2015, p. 07).

No experimento, optamos por utilizar uma escala discreta, na qual as possibilidades de escolha são limitadas, finitas e possíveis de medir de maneira mais objetiva: “As principais questões a serem consideradas no uso de escalas são a escolha dos aspectos ou dimensões a serem medidas (junto com os rótulos atribuídos a pontos da escala) e o número de pontos na escala em si.” (Derwing, De Almeida, 2005, p. 411).

Sendo assim, definimos uma escala de cinco pontos, também conhecida como “escala de Likert”, a qual é baseada no texto de Likert (1932), adotando os rótulos descritivos de comando atribuídos apenas aos polos, ou seja, cada participante teria cinco opções disponíveis para marcar, numeradas de 1 a 5, sendo os rótulos “muito estranha” para a opção 1 e “muito comum” para a opção 5.

No que tange à aplicação do experimento, utilizamos um formulário digital por meio da plataforma *Google Forms* que nos permite criar um amplo conjunto de possibilidades e proposições acerca do objeto estudado justamente por funcionar tanto em computadores de

---

<sup>9</sup> O experimento foi formulado sob a orientação do Professor Thiago Laurentino de Oliveira que ajudou na preparação, formulação de enunciados, criação dos gráficos e outros direcionamentos. Agradecemos ao Professor pelo apoio na construção do experimento.

mesa e *laptops* como em dispositivos móveis no geral, além de viabilizar a aplicação remota, voluntária e anônima do participante.

Definidos a teoria e o suporte da aplicação dos testes, estabelecemos como seriam as frases com as construções possessivas estudadas por esta monografia. Como dito na seção 4.3, testamos apenas os dados de *posse plena* que consiste em construções possessivas dos tipos *propriedade*, *parentesco* e *partes do corpo*, já que elas são as que mais se aproximam do protótipo [X<sub>(HUMANO)</sub> possui Y<sub>(OBJETO)</sub>], opondo posses alienáveis (*propriedade*) de posses inalienáveis (as outras duas) em uma perspectiva gradiente. Para cada um desses tipos, escolhemos dois substantivos que os representassem e tivessem interpretações semânticas parecidas com os dados encontrados no *Corpus do Português*: a) **propriedade** – documento e cama; b) **parentesco** – pai e irmã; e c) **partes do corpo** – mão e braço. Tomamos, então, a decisão metodológica de contextualizar minimamente a frase a qual o item experimental estava aplicado, atribuindo a ela uma situação sociocomunicativa com o objetivo de fazer com que o participante se sentisse à vontade com diálogos corriqueiros e respondesse ao formulário da maneira mais fidedigna possível.

Dessa forma, desenvolvemos três versões do formulário de testes, e cada pessoa entrou em contato com apenas um deles a fim de que todos os itens fossem avaliados por todos os participantes dentro do mesmo contexto comunicacional, observando a seguinte divisão:

Quadro 4 — Construções experimentais com cada forma possessiva em relação ao tipo de posse

	<b>Versão 1</b>	<b>Versão 2</b>	<b>Versão 3</b>
<b>Parentesco</b>	Pai <u>de você</u>	Pai <u>do senhor</u>	<u>Seu</u> pai
	<u>Sua</u> irmã	Irmã <u>de você</u>	Irmã <u>do senhor</u>
<b>Partes do corpo</b>	Mão <u>do senhor</u>	<u>Sua</u> mão	Mão <u>de você</u>
	Braço <u>de você</u>	Braço <u>do senhor</u>	<u>Seu</u> braço
<b>Propriedade</b>	<u>Seu</u> documento	Documento <u>de você</u>	Documento <u>do senhor</u>
	Cama <u>do senhor</u>	<u>Sua</u> cama	Cama <u>de você</u>

Fonte: Elaboração Própria

Um ponto importante a se destacar é o fato de que, dentro dos pequenos diálogos criados para o experimento, as relações sociais entre enunciador da oração, que apresentava a forma possessiva, e interlocutor são hierarquicamente marcadas pela profissão exercida, ou seja, ora o enunciador da frase experimental apresenta um *status* social inferior à pessoa à qual estava se dirigindo, como é o caso *proprietário de imóvel-porteiro*; ora o enunciador possuía *status* social superior ao interlocutor, como a relação *cliente-advogado*. Tal escolha deveu-se ao fato de uma das variantes possível ser *do senhor* que só costuma ser aceita em contextos de distanciamento entre os interlocutores. Para o recorte selecionado neste trabalho monográfico, optamos por não controlar nem analisar se essa marcação do *status* social do enunciador influencia — ou, até mesmo, condiciona — a aceitação, ou não, das formas possessivas estudadas, deixando esse ponto de análise para pesquisas futuras.

Outro ponto que se faz necessário indicar é o perfil dos participantes. De um modo geral, todos as pessoas falantes do português brasileiro como L1, que nasceram e vivem atualmente na cidade do Rio de Janeiro estavam elegíveis a participar plenamente do experimento. Além disso, os dados pessoais, como idade, profissão e nível de formação acadêmica, também foram requeridos, mas, por conta do recorte para esta monografia, não foram levados em consideração na análise dos resultados.

Tendo o quadro 4 em mente, formulamos os seguintes enunciados experimentais para testar as formas possessivas de P2:

a) **Enunciado 1:** João pergunta para a empregada ao entrar em casa:

- JOÃO: O meu pai já chegou?

- EMPREGADA: Não, hoje o *pai de você* chega mais tarde. (~ *do senhor* ~ *seu*);

b) **Enunciado 2:** Pedro fala com o porteiro do prédio:

- PEDRO: Tem alguma coisa pra mim?

- PORTEIRO: Sim, a *sua irmã* deixou esse pacote ontem. (~ *de você* ~ *do senhor*);

c) **Enunciado 3:** José está se consultando com o médico:

- JOSÉ: Minha alergia na mão piorou, doutor!

- MÉDICO: É... A *mão do senhor* está bem irritada ainda. (~ *sua* ~ *de você*);

d) **Enunciado 4:** O professor fala com Marcos no pátio do colégio:

- PROFESSOR: O que foi, Marcos? Tem alguma coisa em mim?

- MARCOS: Professor, o *braço de você* está sujo de giz. (~ *do senhor* ~ *seu*);

e) **Enunciado 5:** Bruno conversa com o advogado no escritório:

- BRUNO: Tem alguma novidade no meu processo, doutor?

- ADVOGADO: Tem, o *seu documento* já está pronto para assinar. (~ *de você ~ do senhor*);

f) **Enunciado 6:** Fábio liga para a vendedora da loja de móveis:

- FÁBIO: Oi, eu gostaria de saber se a minha cama já está pronta.

- VENDEDORA: Sim, a *cama do senhor* vai ser entregue ainda hoje. (~ *sua ~ de você*);

Cada participante entrou em contato com um total de 12 enunciados, sendo seis deles experimentais, como exposto acima, e outros seis distratores, que buscam evitar uma resposta enviesada do participante ao tentar adivinhar o que está sendo avaliado e testado. Dessa forma, o *link* para o formulário experimental direcionava para uma página onde os participantes encontravam uma breve descrição do que se tratavam as perguntas, como exemplificado abaixo:

Figura 1 — Reprodução da apresentação do formulário experimental

## Como as pessoas falam?


Olá!

Espero que você esteja bem!

Muito obrigado por participar deste experimento! Com ele, queremos analisar o que os falantes brasileiros acham de alguns tipos de frase do português.

A tarefa é bem simples: você vai ler alguns diálogos e, em seguida, deve dizer se a última frase, em negrito, é uma frase natural, ou seja, se você acha que ela poderia ser ouvida ou dita normalmente pelas pessoas no dia a dia.

Para registrar essa opinião, você deve marcar uma das opções que vão aparecer depois dos diálogos.

 Salvamento desativado.

\* Indica uma pergunta obrigatória

Fonte: Elaboração própria

Após essa tela, os participantes foram orientados a ler os diálogos e avaliar, em uma escala de 1 a 5, se eles considerariam a frase em negrito *muito* estranha (nota 1) ou *muito comum* (nota 5) no dia a dia, como a mostrado a seguir:

Figura 2 — Reprodução do comando dado ao participante pelo formulário experimental

Como as pessoas falam?

Salvamento desativado.

\* Indica uma pergunta obrigatória

**O que você acha da resposta? Como as pessoas falam?**

Aqui, você encontrará as frases. Lembre-se que você deve selecionar uma nota de acordo com cada frase em **negrito**, dizendo se ela é, na sua opinião,  *muito comum*  ou  *muito estranha*  no dia a dia.

Fonte: Elaboração própria

Dessa forma, a última frase em cada enunciado, em **negrito**, aparecia junto com a escala de notas, na qual a pessoa precisava avaliar a frase experimental. No exemplo abaixo, há uma representação da aplicação do Enunciado 1 com todos os elementos já dispostos nesta subseção; e, logo em seguida, um exemplo de frase distratora utilizada:

Figura 3 — Reprodução de um trecho do formulário experimental

*João pergunta para a empregada ao entrar em casa: \**

– JOÃO: O meu pai já chegou?  
– EMPREGADA: **Não, hoje o pai de você chega mais tarde.**

Muito estranha    1    2    3    4    5    Muito comum

*Samantha conversa com Paulo na fila: \**

– SAMANTHA: Viu o acidente que apareceu na TV ontem?  
– PAULO: **Vi sim, menina. Fiquei chocado!**

Muito estranha    1    2    3    4    5    Muito comum

Fonte: Elaboração Própria

A partir de todo o exposto, foi possível aplicar o experimento ao longo de uma semana, na qual cada versão do formulário ficou disponível para ser respondida durante dois dias e meio. Os resultados das avaliações dos participantes registrados pelo *Google Forms* foram organizados em uma planilha do *Microsoft Excel* e analisados com o uso de tabelas dinâmicas do próprio programa para gerar os gráficos que serão apresentados a seguir.

## 5.2 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA FASE 2

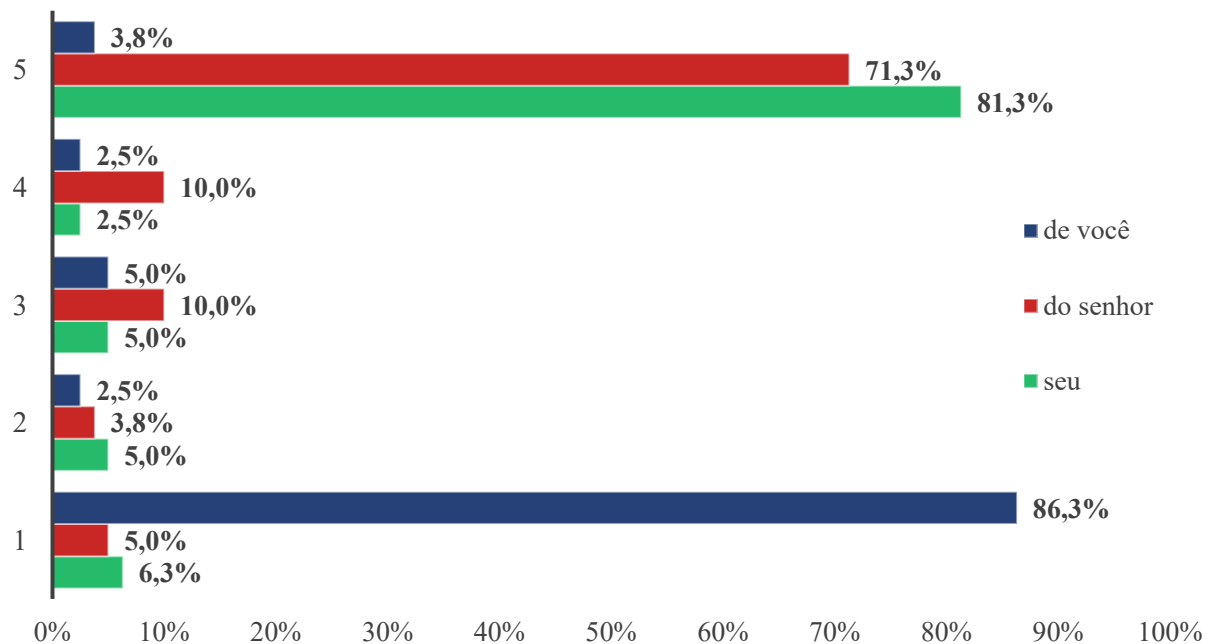
No geral, foram três versões do formulário experimental, contendo 18 enunciados experimentais e 18 frases distratoras (seis em cada versão, respectivamente), as quais foram respondidas por um total de 40 pessoas (13 responderam à versão 1; 14, à versão 2; e 13, à versão 3).

A fim de organizar a visualização das respostas obtidas, estruturamos a apresentação da seguinte forma: será visto, primeiramente, os resultados referentes aos valores percentuais das notas atribuídas pelos participantes para cada tipo de construção; logo após, apresentaremos outros três gráficos que representam a relação do tipo de construção com a noção possessiva (cf. Guedes, 2021) em uma escala de prototipicidade (*propriedade, parentesco e parte do corpo*), tendo o protótipo [ $X_{(\text{HUMANO})}$  possui  $Y_{(\text{OBJETO})}$ ] como base de análise.

Assim, a partir das notas atribuídas pelos participantes às frases negritadas no experimento, analisamos, em primeiro lugar, os resultados gerais obtidos para cada tipo de construção possessiva individualmente sem separar o tipo de posse, como se vê no gráfico 1.



Gráfico 1 — Distribuição das notas atribuídas por tipo de construção  
**NOTAS POR TIPO DE CONSTRUÇÃO**



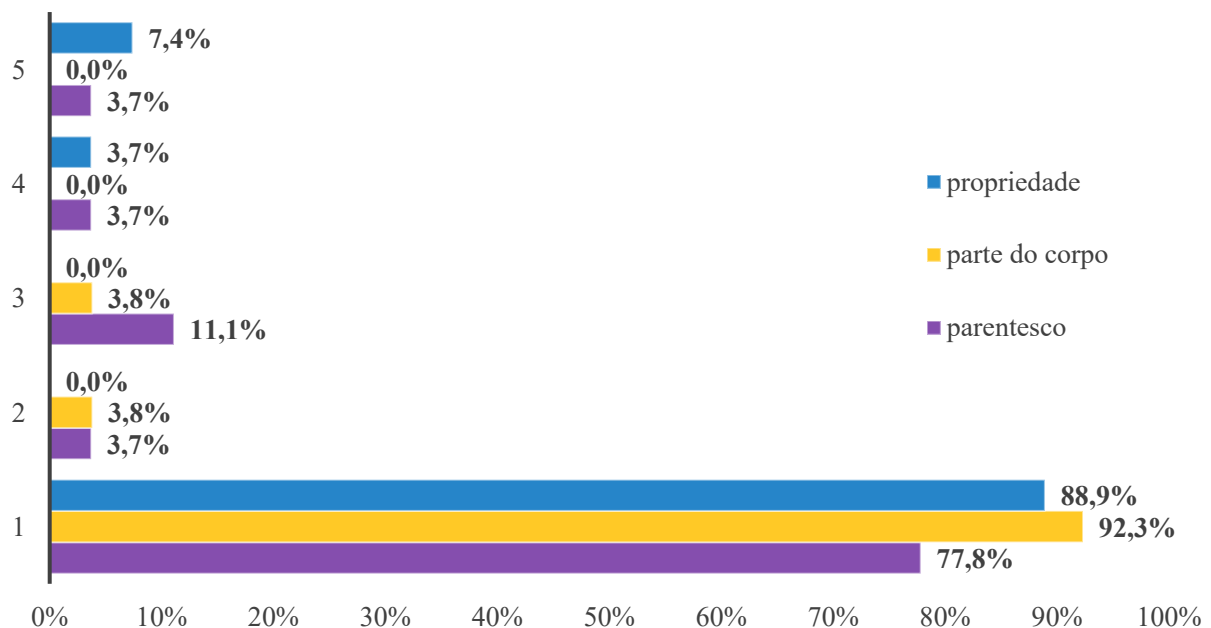
Fonte: Elaboração própria

Em relação ao gráfico 1, verificamos que a forma de-possessiva *de você* foi fortemente rechaçada pelos participantes, recebendo 86,3% de notas 1, ou seja, a maioria dos participantes considerou a resposta com *de você* como “muito estranha”. Por outro lado, as outras estratégias receberam bastantes notas altas: a forma possessiva *seu* obteve 81,3% de notas 5 (“muito comum”) e *do senhor* teve 71,3% para a avaliação mais positiva (nota 5 da escala).

Tal resultado sustenta a nossa **primeira hipótese** de que o de-possessivo *de você* teria um nível de aceitabilidade menor do que as outras estruturas. Na verdade, o resultado obtido mostra não só que a construção possessiva *de-você* teve um nível muito baixo de aceitação (só 3,8% de nota 5), mas também houve uma repulsa grande por frases com essa construção, já que o percentual de notas 1 (muito estranha) que ela recebeu (86,3%) é maior do que o de notas 5 (muito comum) recebido pela estrutura possessiva simples (81,3%).

Com o intuito de observar se o tipo de posse poderia indiciar alguma diferença nesse resultado, mostrando algum contexto em que *de você* tenha relativa aceitação, foram correlacionados nos gráficos a seguir o tipo de posse por cada uma das construções controladas. O objetivo é testar a **segunda hipótese** formulada a partir de Guedes (2021) sobre a maior aceitação de *de-possessivos* em posses prototípicas (*propriedade*). Começamos a análise pela construção mais rejeitada pelos participantes (*de você*):

Gráfico 2 — Distribuição das notas atribuídas ao tipo de posse em relação à forma "de você"

NOTAS POR TIPO DE POSSE: FRASES COM “DE VOCÊ”

Fonte: Elaboração Própria

No gráfico 2, encontramos as notas atribuídas à estrutura possessiva *de você* em relação aos tipos de posse *propriedade*, *parte do corpo* e *parentesco*. Nele, notamos novamente que prevaleceu a nota mais baixa nos três tipos de posse (88,9% para *propriedade*, 92% para *parte do corpo* e 77,8% para *parentesco* para a nota 1 – muito estranha), mas há um aspecto interessante que pode sinalizar, ainda que muito timidamente, uma diferença dessa rejeição de *de você* em função do tipo de posse. Comparando a nota máxima atribuída aos tipos de posse, observamos que a posse do tipo *propriedade* recebeu um percentual de notas 5 (frase “mais comum”) mais alto do que os outros dois tipos: 7,4% para *propriedade*, 0% para *parte do corpo* e 3,7% para *parentesco*. Tal resultado pode indiciar que, embora *de você* seja uma construção possessiva rejeitada como variante possessiva de 2SG, essa estratégia é mais bem aceita nas estruturas de posse mais prototípica (*propriedade*) do que nas demais controladas, confirmando parcialmente a **segunda hipótese** formulada a partir do estudo de Guedes (2021).

Para sermos mais precisos na análise e fazermos um bom uso da tarefa de julgamento de aceitabilidade por escala (cf. Derwing, De Almeida, 2005; Schütze, Sprouse, 2013; Kenedy, 2015), estabelecemos que as notas 4 e 5, por estarem classificadas como “as mais comuns”, seriam somadas, e fizemos o mesmo com as notas 1 e 2 (“as mais estranhas”). Sendo assim, o tipo de posse de *propriedade* recebeu um total de 11,1% (7,4% de notas 5 + 3,7% de notas 4) de aprovação, contra 7,4% para *parentesco* (3,7% de notas 5 + 3,7% de notas 4) e 0% para *parte*

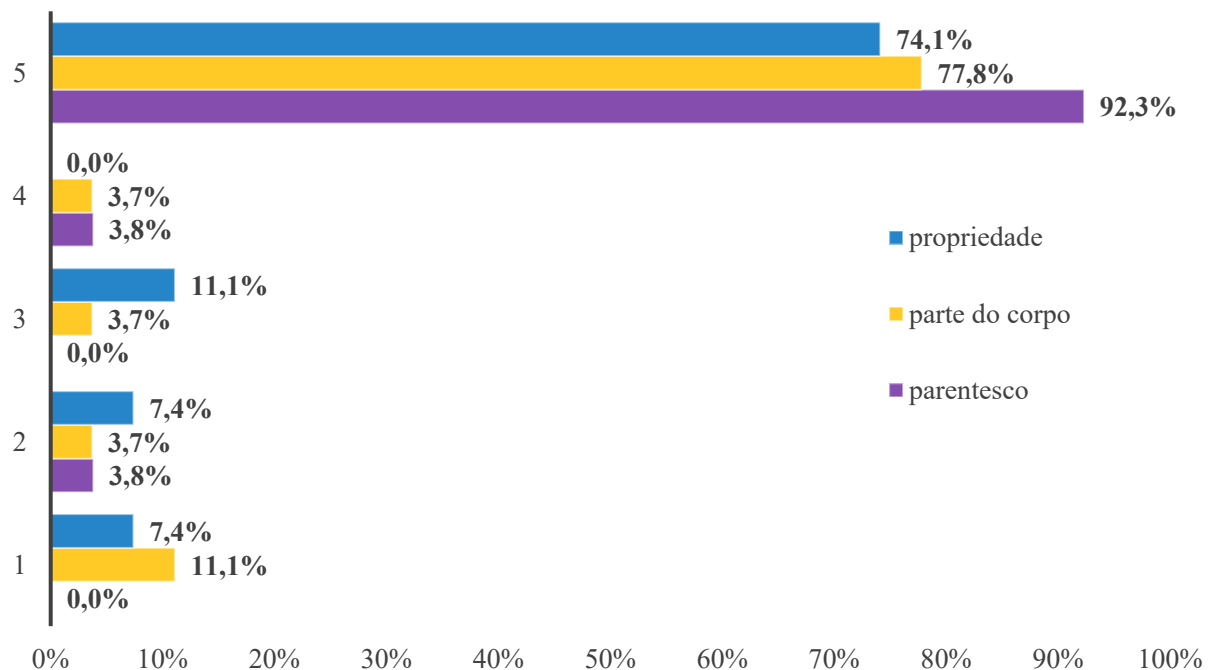
*do corpo*. Por outro lado, a posse alienável recebeu 88,9% de total rejeição, enquanto as outras (inalienáveis) receberam 96,1% (92,3% de notas 1 + 3,8% de notas 2) para *parte do corpo* e 81,5% (77,8% de notas 1 + 3,7% de notas 2) para *parentesco*.

Em suma, esse resultado, apesar de não conclusivo, nos mostra que nossa **segunda hipótese** está parcialmente confirmada, já que, embora os dados sejam bastante polarizados, ainda encontramos uma maior aceitação entre os participantes para a construção *de você* em contexto de *posse plena* do tipo *propriedade*. Por outro lado, o fato de *parte do corpo* ter sido amplamente rejeitado, não recebendo uma nota positiva sequer, confirma o que prevíamos na **segunda hipótese**.

Na sequência, serão apresentados os resultados relativos às outras variantes possessivas controladas por tipo de posse. Vejamos o resultado relativo ao possessivo *seu* que, das três possibilidades, é a estratégia possessiva *default* e a mais produtiva, principalmente nas posses menos prototípicas inalienáveis como defende Guedes (2021):

Gráfico 3 — Distribuição das notas atribuídas ao tipo de posse em relação à forma "seu"

NOTAS POR TIPO DE POSSE: FRASES COM “SEU”



Fonte: Elaboração Própria

O Gráfico 4 traz a distribuição das notas percentuais do possessivo simples de segunda do singular por tipo de posse. Como se vê, a forma *seu* obteve índices percentuais acima de 70% na nota 5 (frase “mais comum”) para os três tipos de posse, porque é a estrutura mais comum e

recorrente como possessivo de 2P, como defendeu Perini (1985). Os tipos de posse *parentesco* e *parte do corpo* tiveram as melhores notas, recebendo 96,1% e 81,5% de aprovação respectivamente.

Embora os participantes tenham avaliado positivamente o *seu* com percentuais altos para a nota 5 nos três tipos de posse, *propriedade* obteve os menores percentuais dentre os três tipos com 74,1% para *propriedade* contra 77,8% para *parte do corpo* e 92,3% para *parentesco*. De certa forma, esse resultado confirma a nossa **segunda hipótese**, já que a forma possessiva simples parece ser mais bem aceita em contextos inalienáveis do que em alienáveis.

Além disso, o fato de a posse alienável apresentar 11,1% de notas 3<sup>10</sup> para *propriedade* (enquanto os índices para os outros tipos estejam abaixo de 5%) comprova que essa estrutura, por ser aquela que mais propicia a ambiguidade — recuperemos o PRINCÍPIO UM de Perini (1985, vide seção 2.1) —, causa dúvida e, inclusive, rejeição em alguns falantes, o que resulta em uma aceitabilidade menor dessa estrutura em relação às demais controladas para a *posse plena* do tipo *propriedade*.

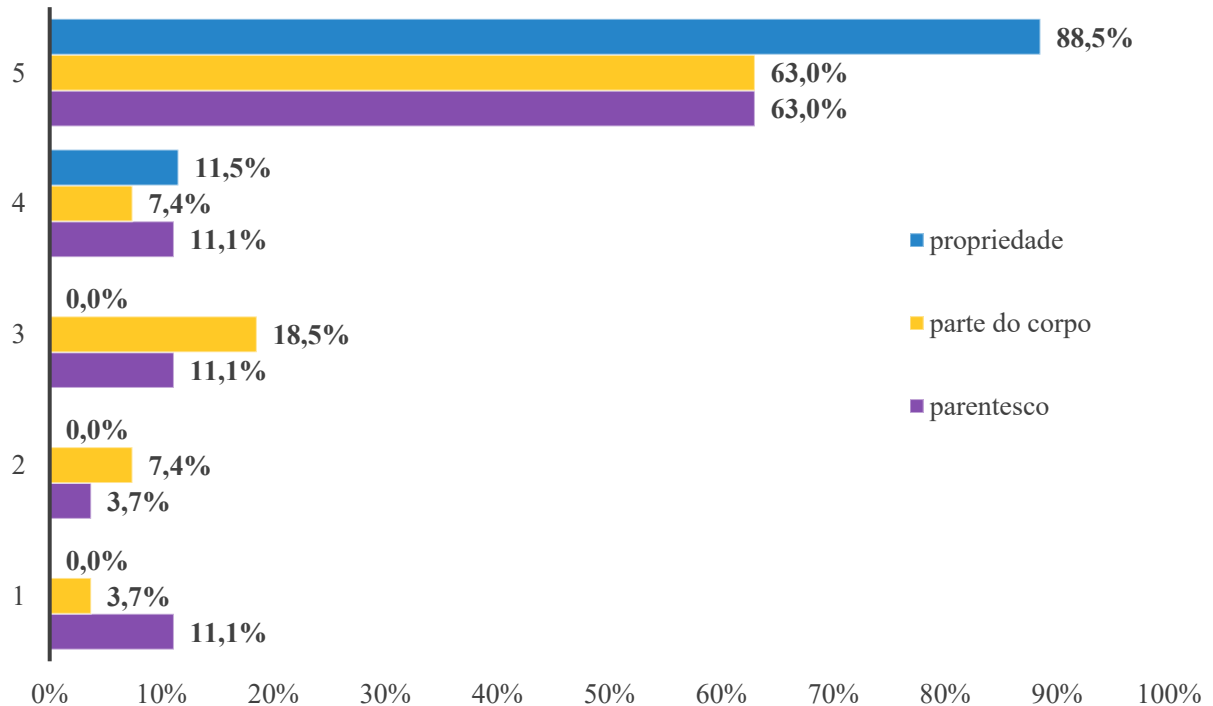
Por fim, apresentamos o gráfico relativo à estrutura *do senhor*. O objetivo de testar frases com *do senhor*, como dissemos, foi introduzir, no experimento, uma estratégia de controle que não funcionaria, na verdade, como uma variante legítima de *seu* ou de *de você*. Primeiramente, porque *do senhor* é uma variante que carrega valor de cortesia, distanciamento e formalidade, além da noção de posse propriamente dita. De fato, o item *senhor* pode ainda ser substituído por um nome próprio funcionando como um legítimo possuidor (*Pedro, João, etc.*). Em segundo lugar, pretendíamos provar que os *de-possessivos* associados a tratamentos nominais — como *do senhor, de Vossa Senhoria, de Vossa Excelência, etc.* — sofrem menos rejeição do que *de você* que já se comportaria como uma forma pronominal, disputando espaço com *seu* (*de você* não seria mais um tratamento de distância como ocorria até o século XIX). A previsão era a de que a variante *de você* seria atualmente bloqueada por *seu*, mas não era assim no século XIX e início do XX, como vimos nos dados retirados do *Corpus do Português* (vide seção 4.1). Vejamos os resultados no gráfico a seguir:

---

<sup>10</sup> Vamos assumir, para esta monografia, que a nota intermediária da escala pode ter dois significados: uma indiferença em relação à aplicação da estrutura, como se o participante respondesse “tanto faz”, ou uma indecisão em relação à aceitabilidade dessa construção nesse contexto, como se a resposta fosse “não sei dizer”.

Gráfico 4 — Distribuição das notas atribuídas ao tipo de posse em relação à forma "do senhor"

## NOTAS POR TIPO DE POSSE: FRASES COM “DO SENHOR”



Fonte: Elaboração Própria

Como esperado, o gráfico 4, por se tratar da construção *do senhor*, teve notas relativamente altas no geral, principalmente, na posse do tipo *propriedade* (88,5% contra 63% para *parte do corpo* e *parentesco*). O que é mais curioso de tudo é que, quando somamos as notas de avaliação mais positiva (4 e 5), a posse de *propriedade* teve 100% de total aprovação pelos participantes (88,5% de notas 5 + 11,5% de notas 4), enquanto *parentesco* ficou na segunda posição com 74,1%; e *parte do corpo* recebeu menos notas positivas, ficando com 70,4%.

Outro ponto interessante de destacar é que, embora os tipos *parte do corpo* e *parentesco* estejam empatados nas notas 5, há uma leve diferença percentual entre eles quando contabilizamos a soma delas com as notas 4. Além disso, o fato de *parte do corpo* apresentar uma maior quantidade de notas 3 (18,5%) pode nos demonstrar que essa estrutura não necessariamente assume um papel possessivo nesse contexto, causando, assim, dúvida nos falantes ao responder se ela é aceitável ou não.

A maior aceitação de *do senhor* era previsível, porque tal estratégia, como dissemos, não é uma variante das outras duas. *Do senhor* funciona como um sintagma nominal, no caso específico, como um tratamento de distanciamento/formalidade. Nesse caso, o de-possessivo

introduz um possuidor com o traço [+humano] que poderia, por exemplo, ser substituído por um nome próprio: casa *do senhor* equivale a casa *de Pedro/de João*. Nesse sentido, a posse mais prototípica [X<sub>(HUMANO)</sub> possui Y<sub>(OBJETO)</sub>] funciona perfeitamente bem com essa estrutura, principalmente, nos contextos de alienáveis (*propriedade*).

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados da pesquisa aqui documentados, podemos esclarecer alguns pontos em relação à percepção de falantes cariocas sobre as formas possessivas simples *seu* e perifrásticas *de você* e *do senhor*. Embora os resultados do experimento inicial sejam muito polarizados e, por isso, de certa forma, inconclusivos, conseguimos notar que *de você* foi considerada uma estrutura “muito estranha” (nota 1) entre os participantes, enquanto as outras formas receberam avaliações mais positivas (nota 5). Apesar disso, o tipo de posse apresentou uma leve diferença em termos percentuais, o que confirma nossas hipóteses. Dessa forma, o tipo *propriedade*, com *de você*, recebeu menos notas 1 e mais notas 5 em relação aos outros tipos, enquanto as *seu* e *do senhor* receberam bastantes notas altas com diferenças sutis entre os tipos de posse inalienáveis que merecem ser mais bem investigadas.

De uma maneira geral, é possível explicar esse resultado, utilizando o protótipo [X<sub>(HUMANO)</sub> possui Y<sub>(OBJETO)</sub>]. Como é necessário um possuidor humano e um objeto possuído (inanimado e não humano) para satisfazer a essa fórmula, ao compararmos *de você* com *seu*, percebemos que a única que pode evidenciar um possuidor do tipo *humano* é a perifrástica, já que aponta efetivamente para alguém.

Outro ponto que nos evidencia isso é o fato de *seu*, por mais que remeta à quatro pessoas do discurso (2SG, 2PL, 3SG e 3PL), ainda ser uma estrutura do paradigma de 3P. Dado que um discurso é sempre estabelecido entre um enunciador e um interlocutor — independentemente da quantidade de participantes —, as únicas pessoas reais presentes nesse discurso são a 1P (quem emite) e a 2P (quem recebe), fazendo com que a 3P seja sempre aquela afastada, que está fora da dinâmica estabelecida. Sendo assim, todas as formas do paradigma de 3P não necessariamente seriam positivamente marcadas para o traço *humano*, já que elas podem referenciar literalmente qualquer coisa, inclusive um ser humano. *Você*, por fazer parte da 2P, recebe o traço [+ humano] e a ideia de “indivíduo” fica mais clara, enquanto *seu*, por concordar com o ser possuído (não necessariamente um ser humano) e fazer parte do paradigma de 3P, teria o traço duplamente marcado [+/- humano]. Portanto, o de-possessivo *de você*, por apresentar [+ humano], satisfaz a fórmula com mais exatidão e, assim, se insere nos contextos de posse mais prototípica do tipo *propriedade*, fazendo com que *seu*, por outro lado, atenda aos outros tipos, visto que eles permitem leituras metaforizadas da posse (cf. Guedes, 2021, p. 63) que não necessariamente são um objeto, como a descrito na fórmula.

Isso posto, retomemos os questionamentos de Perini (1985) que propusemos responder:

i) “Por que *seu* foi mantido em um de seus sentidos (isto é, por que não foi substituído por \**de você?*)?” (1985, p. 7)

Basicamente, *seu* já tinha sofrido um processo de mudança ao passar de um possessivo de 3P a um possessivo de 2P, acompanhando a inserção da forma *você* como pronome de 2SG. Assim, *seu* bloqueou a entrada do de-possessivo na segunda pessoa do singular.

Em outras palavras, *você* se inseriu no rol de pronomes pessoais, trazendo suas características nominais de quando funcionava como *Vossa Mercê* (cf. Lopes *et al*, 2018), o que ocasionou uma duplicação de *seu* no sistema. Essa sequência de eventos gerou uma ambiguidade referencial que precisava ser desfeita, seguindo o PRINCÍPIO UM, e a solução para isso foi a incorporação dos de-possessivos. Assim, *seu* se mantém em um dos sentidos porque o sistema só altera o estritamente necessário para atender ao PRINCÍPIO UM, conforme afirma o PRINCÍPIO DOIS. Portanto, o pronome possessivo simples não poderia simplesmente ser apagado do quadro, fazendo com que não fosse preciso uma das formas de-possessivas inovadoras, no caso, *de você*.

ii) “Por que *seu* foi mantido em seu sentido de 2ª pessoa do singular, antes do que no de 3ª do singular, 2ª do plural ou 3ª do plural?” (1985, p. 7)

Para este questionamento, não conseguimos explicar, com os dados obtidos na pesquisa aqui exposta, o real motivo pelo qual *seu* permaneceu com interpretação possessiva para 2SG, bloqueando *de você*, antes que entrasse para as outras pessoas do discurso. Desconfiamos que o fato dos pronomes pessoais de 3P advirem dos demonstrativos no latim e serem caracterizados como uma não-pessoa do discurso proporciona uma maior disponibilidade de mudanças para a 2P do que para a 3P. Porém, essa pergunta, por enquanto, ainda permanece aberta e merece melhor investigação em pesquisas futuras.

A partir dessas colocações, faz-se necessário não só averiguar o questionamento de Perini (1985), mas também investigar os contextos de posse nos quais o SN é abstrato ou uma forma nominalizada para entender se eles funcionam da mesma maneira que os de *posse plena* em relação à aceitabilidade dos falantes. Para isso, experimentos distintos metodologicamente podem ser utilizados para entender melhor esses tipos possessivos. Além disso, também é preciso analisar o de-possessivo em sua forma plural *de vocês* para examinar o seu comportamento entre os falantes, levando em conta os contextos de posse, nos quais essa construção é encontrada.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARDUIN, J. A variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa do singular teu/seu na região sul do Brasil. Dissertação de mestrado (Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 2005.

CASTRO, A. L. A. S. F. On Possessives in Portuguese. Tese de Doutorado. Universidade Nova de Lisboa: Lisboa, 2006.

DAVIES, M.; FERREIRA, M. Corpus do Português: 45 million words, 1300s-1900s. 2006. Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org>. Acesso em: 12 de abril de 2023.

DERWING, B. L.; ALMEIDA, R. G. de. Métodos experimentais em linguística. In: MAIA, M.; FINGER, I. (Eds.) Processamento da Linguagem. Pelotas: Educat, p. 401-442, 2005.

GUEDES, D. M. A atuação do tipo de posse na percepção das formas possessivas seu e dele: uma abordagem experimental. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2021.

HEINE, B. The State. In: Possession: Cognitive Sources, Forces, and Grammaticalization. Cambridge Studies in Linguistics, Cambridge University Press: Cambridge, 1997.

KENNEDY, E. “Psicolinguística na descrição gramatical”. In: MAIA, M. Psicolinguística, psicolinguísticas. Rio de Janeiro, Contexto, 2015.

LIKERT, R. (1932) A technique for the measurement of attitudes. Archives of Psychology, v.140, p.55.

LOPES, C. R. S. Pronomes Pessoais. In VIEIRA, S., BRANDÃO, S. (Org.). Ensino de gramática: descrição e uso. São Paulo: Contexto, 2007, p. 103-119.

LOPES, C. R.S. et al. A reorganização no sistema pronominal de 2ª pessoa na história do português brasileiro: Posição De Sujeito. In: Célia Regina dos Santos Lopes. (Org.). História

do português brasileiro: mudança sintática das classes de palavra: perspectiva funcionalista. 1ed. São Paulo: Editora Contexto, 2018, v. 4, p. 7-105.

LUCENA, R. O. P. Pronomes possessivos de segunda pessoa: a variação teu/seu em uma perspectiva histórica. Tese de Doutorado (Letras Vernáculas). Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2016.

MARCOTULIO, L. L.; ASSIS, D. M. dos S. de; GUEDES, R. de C. De-possessivos de 2ª pessoa na história do Português Brasileiro. *Diacrítica*, Braga, v. 29, n. 1, p. 203-231, 2015.

PERINI, M. A. O surgimento do sistema de possessivo do português coloquial: uma interpretação funcional. *DELTA*, São Paulo, n. 1-2. pp. 1-15, 1985.

SANTOS, M. J. O funcionamento das formas simples e de-possessivas de segunda pessoa: *seu* ou *de você(s)*?. Trabalho apresentado como comunicação oral na Semana de Integração Acadêmica da UFRJ. Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2023.

SCHÜTZE, C. T.; SPROUSE, J. "Judgement data". In: ROBERT. PODESVA; DEVYAN; SHARMA (eds.). *Research methods in linguistics*. New York, Cambridge University Press, 2013, p. 27-50.

TOSI, B. G. O estudo da variação teu/seu: uma análise dos possessivos a partir de esquetes humorísticos. Trabalho de Conclusão Graduação (Letras: Português / Inglês). Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2021.